

# A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)

Caetano de Mello Beirão \*  
Mário Varela Gomes \*\*

## Resumo

Descoberta em 1939, esta estação junto à costa alentejana ofereceu uma urna de fabrico manual de forma globular alongada, com fundo côncavo, contendo três contas de pasta vítrea de cor azul turquesa oculadas a branco e a azul ultramarino, um *nazm* de ouro de forma circular feito a partir de um arame torcido, três pequeníssimos fragmentos de uma grande fíbula anular de bronze e alguns ossos e dentes humanos que terão possivelmente pertencido a um indivíduo com menos de dez anos de idade de sexo não determinável; uma urna de orelhetas com tampa, fabricada ao torno, com pasta de cor castanha rosada, pintada com bandas horizontais de cor escura de aspecto acetinado; o fundo e parte do bordo de uma outra urna com ônfalo, fabricada ao torno, de forma globular com engobe de cor vermelha na parte superior; um prato também fabricado ao torno com pasta de cor castanha rosada, com bordo largo, ligeiramente oblíquo, assente sobre um pé baixo com ônfalo e acabamento de verniz vermelho de cor castanha clara; um fragmento com porção de bordo de uma quarta urna; um pequeno fragmento de cerâmica cinzenta fina com decoração impressa; um outro fragmento fabricado ao torno; seis fragmentos de um arame de bronze enrolado em espiral que talvez estivesse em volta de alguma das urnas; um fragmento de lança de ferro com alvado.

Este espólio constitui um conjunto cronologicamente bastante homogêneo situado entre os finais do século VI e os inícios do século V a.C., formado num ambiente cultural onde ainda se fazem sentir as influências do comércio mediterrânico, embora já num período de grandes transformações provocadas pela chegada de populações de origem continental.

O espólio da necrópole do Galeado quadra essa zona de influência comer-

\* Director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul.

\*\* Arqueólogo. Parque Oceano, lote 3, 2.º, Dt.º, Santo Amaro de Oeiras, 2780 Oeiras.

cial, técnica e artística que tem vindo a ser baseada no comércio fenício e grego, que no Sul da península teria como objecto de troca sobretudo metais (cobre, prata, ouro) e sal. No Baixo Alentejo e Algarve, a uma I Idade do Ferro com inumações e escrita, rica em objectos orientais, sucede-se uma II Idade do Ferro com incinerações, culturalmente mais pobre e sem escrita.

### Summary

*The site of Galeado was found in 1939 on the Alentejo coast, and revealed a handmade urn in a long globular shape and concave basis, possibly containing three glass beads in a turquoise blue, oculated in white and ultramarine; a circular golden nazm made of twisted wire; three very small fragments of annular bronze fibula and some human teeth and bones, which possibly belonged to someone of less of ten years old; a turner's made urn with handles and case, in a pinky brown paste with horizontal dark painted strips and smooth satin-like character; the basis and boards of another turner's made urn with omphalos, in a globular shape and a red slip on the top; a turner's made plate as well in a pinky brown paste, large boarded, a little slanting, steady on a small foot with omphalos and a light red slip; a fourth urn's little fragment with a piece of board; another turner's made fragment; six fragments of bronze curled wire, spiral shaped, which probably were around of some of these urns; and an iron spear fragment with socket.*

*Chronologically this remain goes back to the ends of 6th. century b.C. and beginnings of the 5th. century. It was built upon a cultural environment where the influences of the mediterranean trade were present, as well as the great changes which occur with the arrival of continental folks.*

*The Galeado remains suit that very area of influence on a commercial, technic and artistic way based on the greek and phoenician trade, which purpose was the exchange of metals (copper, silver, gold) and salt in the south of the Peninsula. In the Baixo Alentejo and Algarve provinces, after the 1st. Iron Age with inhumations, writting and rich oriental artefacts, follows a 2nd. Iron Age culturally poorer, with incinerations and without writting.*

## 1. Condições do achado

Em 1953, é publicada no vol. II da nova série de “O Arqueólogo Português” (p. 293) uma relação de comunicações e descobertas arqueológicas, apresentadas ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, denominada *Extensão cultural do Museu Etnológico* e onde está inserida a *Notícia da recente descoberta de três estações arqueológicas (1937)*, da autoria de Manuel Heleno, aí se referindo a “necrópole proto-histórica de Vila Nova de Milfontes”, que aquele “atribui à primeira invasão céltica, com urnas cinerárias, fios de cobre, contas vítreas e uma argola de fio torcido de ouro”.

Num pequeno trabalho onde relata vinte e cinco anos da sua actividade arqueológica, datado de 1956, M. Heleno volta a referenciar brevemente a estação agora estudada, que inclui na Época do Ferro, nos seguintes termos: “Estudámos a necrópole de Vila Nova de Milfontes, com contas fenícias e brinco de ouro”; tentando explicar as suas preocupações científicas, afirma, um tanto absurdamente, naquele autopanegírico: “A nossa atenção dirige-se para o sul, onde a civilização castreja estava por estudar”<sup>1</sup>. A necrópole de Vila Nova de Milfontes fazia também já parte de uma extensa lista de estações em estudo, que o próprio Heleno elabora em 1939 e que Leite de Vasconcellos anexa a um elogioso parágrafo sobre a actividade daquele, que foi o seu pupilo dilecto, no espaço que medeia 1931 e 1939, só publicada em 1958 e onde adianta que “empreendeu com grande zelo e capacidade extensas e metódicas escavações arqueológicas”<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> HELENO, M., *Um quarto de século de investigação arqueológica*, “O Arqueólogo Português”, Nova Série, III, Lisboa, 1956, pp. 221-237, 230-231.

<sup>2</sup> VASCONCELLOS, J. L. de, *Etnografia Portuguesa — Tentame de Sistematização*, IV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1958, 666 pp., 92 figs., pp. 14-15.

Apesar de os materiais de Vila Nova de Milfontes continuarem inéditos, Saavedra Machado<sup>3</sup> refere-se-lhe também repetindo as palavras de Leite de Vasconcellos<sup>4</sup> e de M. Heleno<sup>5</sup>, publicando mesmo nos “Subsídios Para a História do Museu Arqueológico e Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos”, dois programas das “lições magistrais” de Heleno onde se menciona “O campo de urnas da Chaminé e as necrópoles de Alcácer do Sal e Vila Nova de Milfontes”<sup>6</sup>.

Continuou-se, no entanto, a desconhecer o local exacto da necrópole de Vila Nova de Milfontes, que tipo de sepulturas ali existiam, qual a índole do material que acompanhava as “contas fenícias” e o “brinco de ouro”, ou qualquer outro elemento que pudesse fornecer indicações minimamente satisfatórias sob o ponto de vista arqueológico e histórico, as suas características, os porquês da sua atribuição cronológica e não apenas um mais que duvidoso ponto no mapa.

Manuel Heleno, que foi, infelizmente, director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de 1929 a 1967, seguiu uma política errada em todos os sectores da vida daquela instituição, sobretudo ao nível da investigação, onde procurava revestir do máximo sigilo todos os achados e resultados das suas escavações que, ciosa e desordenadamente, ia acumulando. Assim, centenas de estações arqueológicas, como a necrópole do Galeado, ricos espólios e milhares de artefactos têm permanecido até hoje inéditos ou mal conhecidos, não chegando M. Heleno a publicar as prometidas monografias ou sínteses dos resultados das suas escavações que, apesar de nelas empenhar “grande zelo”, como escrevia L. de Vasconcellos, eram falhas de método e de rigor científico, ficando assim, com a sua morte, que nem foi sequer prematura, também por estudar no Sul, aquilo que ele entendia por “civilização castreja” (?!).

Ao encontrarmos algumas das colecções de M. Heleno na “sala do legado” anexa aos reservados do Museu, durante o período da gestão de uma comissão directiva de que um de nós fazia parte (C. M. B.), deparámos, numa prateleira, com um conjunto de vasos constituído por duas urnas completas, uma delas com tampa e pintada com bandas vermelhas, forma até então desconhecida no nosso território, e ainda a parte inferior e um fragmento com bordo de uma terceira urna que continha no seu interior um prato com tratamento de verniz vermelho e um fragmento com bordo de uma quarta urna (fig. 1). A identificação deste conjunto, bastante sugestivo, foi fácil; a urna maior tinha escrito a lápis no bojo “Galeado, V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Milfontes” (fig. 2). No seu interior encontramos um verbete manuscrito com tinta de cor castanha, com letra idêntica à das palavras escritas no exterior, atribuível a M. Heleno, e que diz: “Galiado, Vila Nova de Milfontes. Apareceu com contas de pasta vítrea e uma arrecada de ouro” (fig. 2).

<sup>3</sup> MACHADO, J. L. S., *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos*, “O Arqueólogo Português”, Nova Série, V, 1964, pp. 51-448.

<sup>4</sup> VASCONCELLOS, J. L. de, *op. cit.* (v. nota 2).

<sup>5</sup> HELENO, M., *op. cit.* (v. nota 1).

<sup>6</sup> MACHADO, J. L. S., *op. cit.* (v. nota 3), pp. 68-69, 190, 198-199.



Fig. 1 — O espólio da necrópole do Galeado, tal como se encontrava na “Sala do Legado” no M.N.A.E. em 1980.

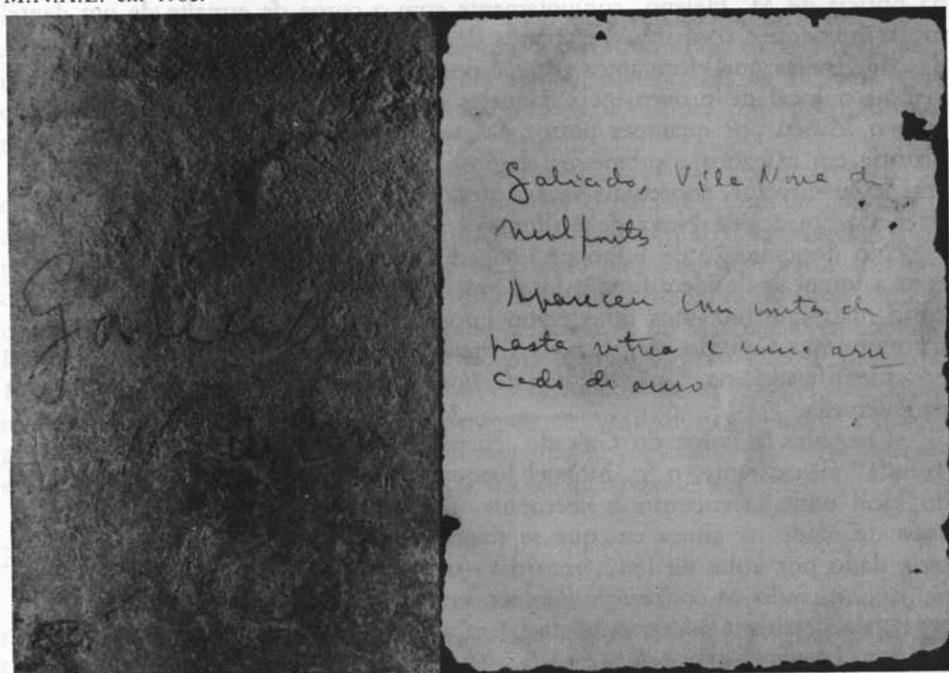


Fig. 2 — Identificação escrita na parede da urna 1 e verbete que se encontrava no interior da mesma, indicando a proveniência daquele espólio.

Esta mesma urna continha ainda seis fragmentos curvos de um arame de bronze, um fragmento de lança de ferro, dois fragmentos de cerâmica, um deles decorado, de pasta fina de cor cinzenta, alguns ossos e um dente humano, à mistura com nódulos de terra, tudo isto em diversos embrulhos feitos com papel de dois jornais: O “Diário de Notícias”, do dia 3 de Novembro de 1939, e o “Diário do Alentejo”, de 6 de Novembro daquele mesmo ano.

Pudemos, assim, datar o achado, ou pelo menos o seu acondicionamento, dos princípios do mês de Novembro de 1939. A antiguidade do “Diário de Notícias” em relação à do “Diário do Alentejo” explica-se pelo lapso de tempo que levaria aquele jornal a chegar a Vila Nova de Milfontes.

As manchas provocadas no papel pelos materiais embrulhados, sobretudo os nódulos de terra onde havia alguns fragmentos de ossos e o resto de um dente, possivelmente provenientes do interior de uma das urnas, assim como a completa colagem de algumas zonas do papel aos nódulos, prova que aqueles materiais terão sido acondicionados no local do achado, onde ainda se faria sentir no terreno a humidade de um mês chuvoso.

A urna pintada, que M. Heleno deve ter previsto rara entre nós, encontrava-se incrivelmente “restaurada”, mal colada com grude, reforçada com enormes massas de gesso e, para cúmulo, repintada em algumas zonas, sobre as bandas vermelhas, o mesmo acontecendo com o prato de verniz vermelho.

Mais tarde, encontrámos na vitrine cinco da casa-forte do Museu, onde tinham o número trezentos e noventa e sete de inventário, três contas de pasta vítrea oculadas e o “brinco de ouro”, referidos tanto na nota manuscrita como na notícia de M. Heleno, conjuntamente com a coroa de esmalte de um dente molar humano e com três fragmentos de uma fíbula de bronze. Pelo resultado das diligências que efectuámos, parece poder-se concluir que M. Heleno nunca visitou o local de proveniência daqueles objectos que lhe terão sido enviados para o Museu por qualquer pessoa das suas relações. Saavedra Machado<sup>7</sup> que historia em rasgados e submissos elogios, quanto a nós imerecidos, a acção do então seu director, sobretudo as suas deslocações, não refere, no entanto, qualquer viagem a Vila Nova de Milfontes.

No domingo 20 de Julho de 1980, dirigimo-nos à Vila Nova de Milfontes com a intenção de identificar o local exacto de proveniência daqueles materiais, tanto mais que tínhamos tido, como informação complementar à já publicada, o toponómio Galeado escrito no verbete e nas paredes de uma das urnas, por nós identificado, na *Carta Militar de Portugal*, na folha 544, e bem próximo daquela vila.

Chegados a Foros do Galeado, encontrámos, por fortuna, numa pequena “venda” ali existente, o Sr. Manuel Joaquim Graça da Silva, actual proprietário do local onde se encontra a necrópole. Embora tivesse apenas três ou quatro anos de idade na altura em que se fizeram os achados e que segundo ele se teria dado por volta de 1940, recordava-se perfeitamente de ouvir contar a seu pai que, quando da construção da casa, onde vive, foi necessário ali perto abrir uma vala destinada à extracção de barro para os adobes das paredes e que na

<sup>7</sup> MACHADO, J. L. S., *op. cit.* (v. nota 3).

altura nela se encontraram algumas vasilhas e um “brinco de ouro” que também sabia ter sido “vendido para Lisboa”, talvez por intermédio do pedreiro que dirigia a obra, o Sr. José Brissos, hoje já falecido.

Este importante testemunho foi confirmado localmente por um outro indivíduo, bastante mais idoso, que connosco ali se encontrava e que, segundo ele, assistiu ao achado.

O relato do Sr. Manuel Graça da Silva foi tanto mais importante quanto nos informou ainda de ter também aparecido com os objectos já por ele referidos um “arame sem fim” que “quanto mais por ele puxavam nunca mais acabava”, mensão segura, já quase entrada na lenda, ao arame de bronze que, partido em seis fragmentos, tinha sido por nós encontrado no Museu, no interior de uma das urnas, conforme já acima referimos. Mesmo antes de lhe haveremos perguntado, o Sr. Graça da Silva informou-nos ter encontrado nas terras adjacentes ao seu “monte” contas azuis com “olhinhos”, certamente semelhantes às ali recolhidas, que se encontram hoje no M.N.A.E., e confessou-nos, depois de com ele visitarmos o local dos achados, já perto da hora da nossa despedida, que um dia, instigado por um “São ciprianista”, que, tal como muitas outras pessoas da zona que tinham conhecimento dos achados antigos daquele sítio, tinha escavado uma vala bem funda e deparado com uma sepultura onde encontrara, à mistura com alguns ossos, o que lhe pareceu ser “uma espada de ferro” que logo se desfez em pedaços.

À superfície do terreno, muito remexido pelos trabalhos agrícolas, apenas encontramos algumas pequenas lajes de xisto muito partidas que poderiam ter feito parte de estruturas sepulcrais e pequeníssimos fragmentos de cerâmica atípicos. Pudemos, no entanto, verificar que a constituição do terreno onde nos indicavam ser o local da necrópole era semelhante aos restos de terra que constituíam os nódulos encontrados embrulhados, à mistura com alguns ossos, no interior de uma das urnas.

Assim, concluímos, de uma forma definitiva, que as vagas referências a esta importante necrópole se confirmavam, não só perante o espólio que agora apresentamos, como perante as informações ainda recolhidas no Museu e depois plenamente confirmadas no local. A estação terá sido descoberta nos inícios de Novembro de 1939, segundo se deduz não só das datas dos dois jornais que embrulhavam parte do espólio, como pela relação de M. Heleno entregue a L. de Vasconcellos e pela informação do Sr. Manuel Graça da Silva ao referir 1940, atendendo à sua proximidade com os finais do ano de 1939. A data 1937 inserta na notícia feita ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia poderá ser a dos restantes achados, tendo-se englobado inadvertidamente este, pois não condiz com os restantes dados que possuímos.

## 2. O sítio

A Necrópole do Galeado encontra-se num esporão orientado no sentido norte-sul com a cota máxima de 52 m, sobranceiro à última curva do rio Mira, três quilómetros a nascente de Vila Nova de Milfontes (figs. 3-5). Com o aspecto de península, é rodeado por duas importantes linhas de água, o corgo do Porto da Mó, a nascente, onde na foz se encontram hoje extensas salinas



Fig. 3 — Necrópole do Galeado, mapa de localização (esc. 1:50 000):

(Vale do Homem) e uma outra, de menor importância, a poente, em cuja foz foi construído um açude que alimenta o moinho de maré denominado “Moinho da Asneira”. É, ainda, ladeado na direcção norte por arrozais. O seu actual revestimento florestal é constituído, sobretudo no lado norte, por uma pequena mata moderna de eucaliptos e pinheiros, deixando áreas abertas onde se pratica uma agricultura mista, de regadio e sequeiro, destacando-se as culturas do milho e trigo e pequenas hortas junto aos montes; toda esta zona parece-nos de colonização recente, de densidade populacional ainda muito baixa e cujo centro urbano mais importante é Vila Nova de Milfontes devido sobretudo à colónia balnear, que ali se instala durante o Verão.

A formação geológica do local onde se encontra a estação é do tipo terraço e pertence ao complexo argilo-arenoso quaternário, com blocos angulosos, xistos e grauvaques, assentes sobre xistos do carbónico.

Integra-se, segundo A. Girão, na sub-região denominada “Litoral alentejana” bem diferenciada do interior sem “qualquer centro urbano que lhe servisse de núcleo diferenciador” onde “se põem em contacto zonas de diferente constituição geológica — particularmente a dos terrenos miocénicos e pliocénicos vizinhos do rio, e a área do carbónico inferior que se prolonga da serra de Grândola para o Sul, onde o sobreiro predomina, bem poderemos distinguir, em toda ela, duas secções de âmbito mais reduzido: 1) a do Sado, constituída

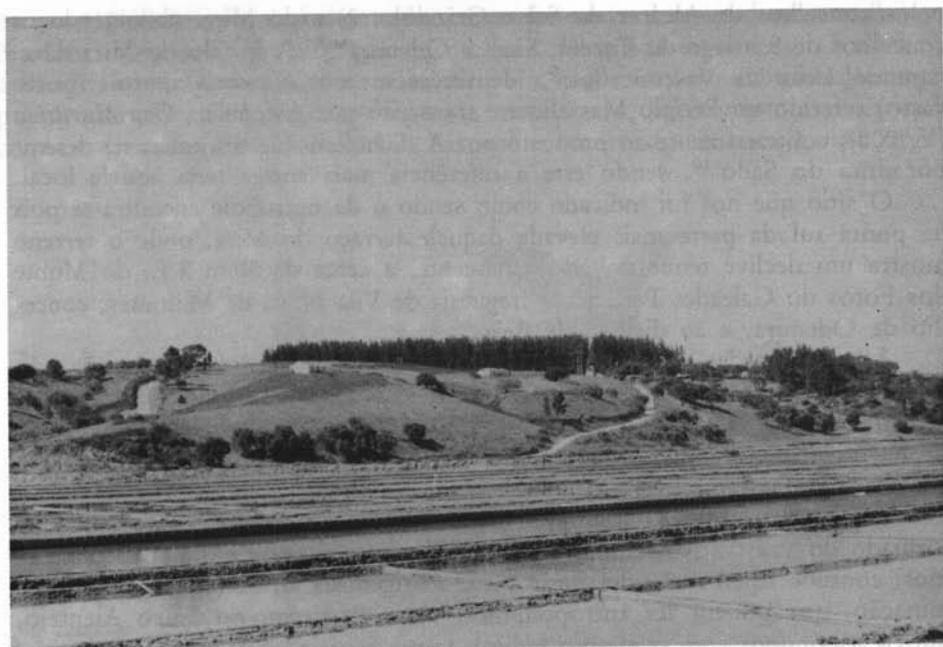


Fig. 4 — Monte dos Foros do Galeado, vista tirada de S.E. (RVI/80-9).



Fig. 5 — Rio Mira, visto da base do cerro do Monte dos Foros do Galeado (RVI/80-10).

pelos concelhos de Alcácer do Sal e Grândola; 2) a do Mira, abrangendo os concelhos de Santiago do Cacém, Sines e Odemira”<sup>8</sup>. A foz do rio Mira deve, segundo Leite de Vasconcellos<sup>9</sup>, identificar-se com o *patulus portus* (porto vasto) referido no Periplo Massaliota e transcrito por Avieno na *Ora Maritima* (V. 200), contrariamente ao proposto por A. Schulten que o localiza na desembocadura do Sado<sup>10</sup>, sendo esta a referência mais antiga feita àquele local.

O sítio que nos foi indicado como sendo o da necrópole encontra-se pois na ponta sul da parte mais elevada daquele terraço do Mira, onde o terreno mostra um declive ténue voltado a nascente, a cerca de 50 m S.E. do Monte dos Foros do Galeado. Pertence à freguesia de Vila Nova de Milfontes, concelho de Odemira, e ao distrito de Beja.

As coordenadas geodésicas, referentes a um ponto central da estação, são as seguintes: 37° 43' 52" de latitude norte e 0° 23' 0" de longitude oeste de Greenwich ou, 85 lat. U.T.M. e 145 long. U.T.M., segundo a *Carta Militar de Portugal*, esc. 1 : 25 000, folha 544, V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Milfontes (Odemira), Serviços Cartográficos do Exército (1952).

Etimologicamente, o topónimo Galeado parece proveniente do adjetivo formado do substantivo feminino gálea (do latim *galea*) ou elmo. Desconhecemos, contudo, qual terá sido, neste caso, a origem da atribuição daquela denominação, que poderá ser antroponímica, visto existirem, no Baixo Alentejo, outros topónimos com o mesmo radical, talvez associados a áreas de colonização recente. Numa lápide romana proveniente da Quinta de Torre de Ares, local onde terá existido a cidade de Balsa, hoje no M.N.A.E. (E. 6539), encontra-se referido o nome da família *Gallaea*, até este momento único na península<sup>11</sup>.

### 3. O espólio<sup>12</sup>

#### 3.1. A cerâmica.

##### 3.1.1. Urna fabricada sem torno (figs. 6 e 7), com pasta de cor castanha

<sup>8</sup> GIRÃO, A. de A., *Esboço de uma Carta Regional de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ed., Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933, 224 pp., 6 mapas, pp. 130, 134.

<sup>9</sup> VASCONCELLOS, J. L. de, *Religiões da Lusitânia*, II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1905, 372 pp., 82 figs., pp. 16-17.

<sup>10</sup> SCHULTEN, A., *Avieno, Ora Maritima*, Fontes Hispaniae Antiquae, I, Barcelona, 1955, 200 pp., 1 mapa, pp. 73, 105.

<sup>11</sup> VIVES, J., *Inscriptiones Latinas de la España Romana*, 631 pp., Universidad de Barcelona, Barcelona, 1971, p. 426, n.º 4531; HÜBNER, E., *Monumentos de Balsa*, “Revista Archeologica e Historica”, vol. I, 1887, pp. 33-38; SANTOS, M. L. E. V. A., *Arqueologia Romana do Algarve*, vol. I, 440 pp. 170 figs., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1971, pp. 223-224.

<sup>12</sup> Agradecemos ao actual director do M. N. A. E. e aos Drs. Rui Parreira e João Ludgero terem-nos facultado o espólio da Necrópole do Galeado, para a continuação do nosso estudo, assim como de terem posto à nossa disposição o serviço de desenho daquela instituição. Os nossos agradecimentos vão também para Luís Reis, autor das fotografias das figs. 1, 2, 7, 9, 11, 13 e 15, para Maria Helena Figueiredo, desenhadora do M. N. A. E., autora das figs. 14 e 17 e para Mário de Sousa, autor dos desenhos das figs. 6, 8, 10 e 12.

escura (10YR 3/3)<sup>13</sup>, mal depurada, contendo como desengordurante palhetas micáceas de cor negra e grãos de quartzo de vários tamanhos. O núcleo apresenta-se de cor castanha muito escura a negra. A forma é globular, um pouco alargada, com a maior largura a meia altura, ligeiramente assimétrica, com base estreita e fundo côncavo bastante pronunciado. A boca é mais larga

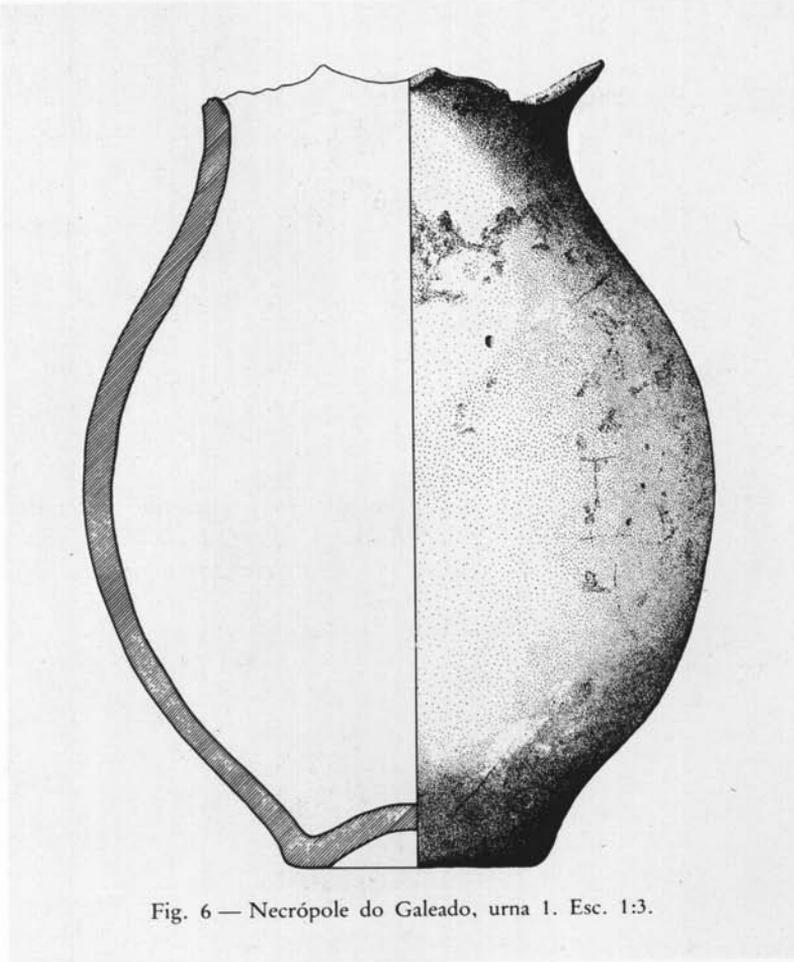


Fig. 6 — Necrópole do Galeado, urna 1. Esc. 1:3.

que o fundo, o bordo extravasado encontra-se irregularmente partido e não conserva qualquer porção do lábio. Mede 0,32 m de altura e 0,248 m de largura máxima. As paredes mostram espessura irregular variável entre 0,01 m e 0,012 m, são afagadas exteriormente e acabadas com uma aguada de cor castanha avermelhada, pouco homogênea (2.5YR 4/6).

<sup>13</sup> As identificações cromáticas referem-se sempre às *Munsell Soil Colour Charts* (1975) e devem-se entender como aproximadas.

Mostra externamente manchas avermelhadas e negras, resultantes das variações de oxidante a redutor do meio de cozedura, assim como alguns estalamentos, fissuras e *craquelés* em certas zonas da sua superfície, muito friável; aci-

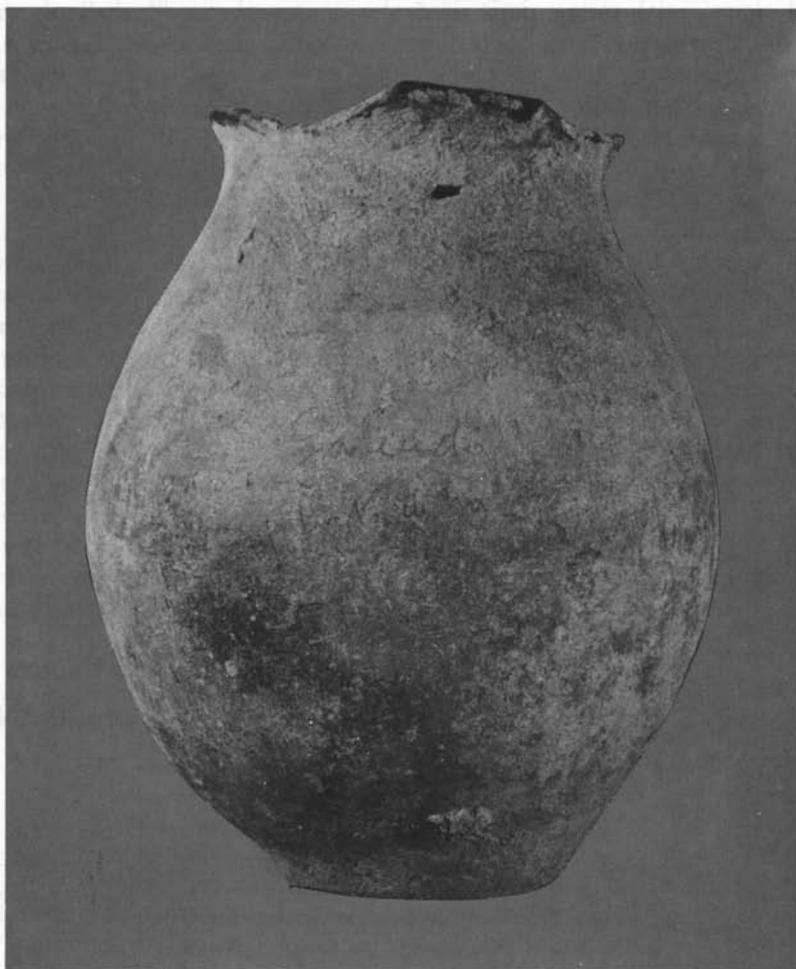


Fig. 7 — Necrópole do Galeado, urna 1.

mentos sem dúvida provocados tanto pela má qualidade da pasta como pelo método deficiente de cozedura. Devido ao meio geológico da jazida e talvez ao processo de deposição, apresenta ainda algumas concreções calcárias, tanto no seu interior como no exterior.

Parece ser uma peça de fabrico local, de realização grosseira que terá sido utilizada coberta por uma outra peça cerâmica ou por uma pequena laje de xisto ou de calcário.

3.1.2. Urna com tampa (figs. 8 e 9), fabricada ao torno, com pasta de cor castanha clara rosada (5YR 6/4), bem depurada e homogénea, com desgordurante fino constituído por grãos micáceos e de quartzo.

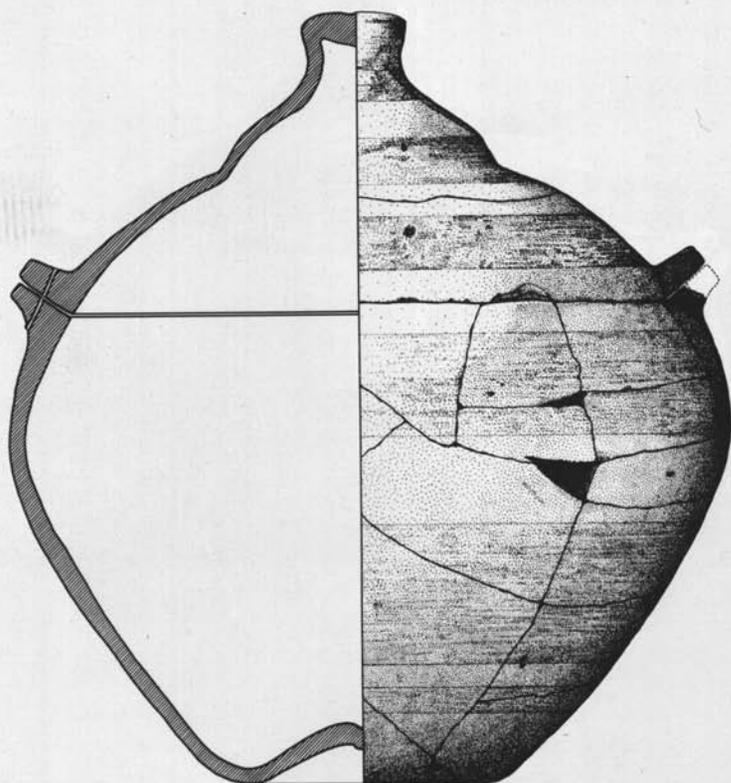


Fig. 8 — Necrópole do Galeado, urna 2. Esc. 1:3.

A cozedura é muito regular, feita em meio oxidante, mostra um cuidado de fabrico que não encontrámos na peça anteriormente descrita. Apesar de muito fragmentada, pois parece ter sofrido forte pressão que provocou o seu esmagamento, terá sido fácil a sua reconstituição. As fracturas apresentam algumas arestas erodidas que revelam a grande antiguidade desse esmagamento.

A forma é globular, com boca larga e tampa tronco-cónica terminada por um elemento de pressão em forma de botão oco. A tampa apresenta um



Fig. 9 — Necrópole do Galeado, urna 2.

estrangulamento na zona média e ajusta perfeitamente ao bordo da peça. Tanto junto ao bordo como na base da tampa mostra duas pequenas asas ou orelhetas, oblíquas, perfuradas antes da cozedura em forma de tronco de pirâmide.

Estes elementos perfeitamente ajustáveis entre si serviam para a fixação hermética ou estanque da tampa à parte superior da urna, podendo-se ligar as duas peças por finos bastonetes de madeira, por qualquer arame metálico ou, ainda, atando-os com simples fios, dois a dois. Tanto a área de separação das orelhetas como o bordo da urna e da tampa formam uma superfície de ajustamento perfeita, oblíqua ou em bisel, o que faz certos autores considerarem ter sido este tipo de peças montadas inteiras e só depois separada a tampa por corte antes da cozedura.

A altura total da urna é de 0,305 m e a sua largura máxima, a meia altura e perto do bordo, é de 0,285 m. O fundo é côncavo e mostra no centro uma saliência ou ônfalo. As paredes encontram-se regularizadas tanto no interior como no exterior e mostram uma espessura variável entre 0,005 m e 0,01 m.

A decoração pintada é constituída por seis faixas largas horizontais, regulares, de cor vermelha escura (10R 4/8), de proveniência mineral e de aspecto acetinado semelhante ao tratamento geralmente denominado “verniz vermelho”. A faixa mais estreita encontra-se a cerca de 0,03 m da base e tem a largura de 0,01 m.

A segunda faixa apresenta a largura de 0,055 m e dista da primeira aproximadamente 0,01 m. A pouco mais de 0,01 m do bordo encontra-se a terceira faixa com 0,04 m de largura e distante da anterior 0,035 m.

A tampa com uma pequena perfuração a meia altura apresenta três faixas distanciadas entre si pouco mais de 0,01 m, tendo as duas inferiores cerca de 0,02 m de largo. A faixa superior envolve completamente a pega ou botão terminal.

fachada ocidental da península Ibérica. Foi restaurada no laboratório do Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal<sup>14</sup>.

Esta peça mostra tanto interiormente como no exterior concreções calcárias de cor cinzenta. A sua forma e os seus característicos elementos de fixação da tampa encontram, como veremos, paralelos sobretudo em urnas de necrópoles andaluzas, da região levantina e do golfo de Leão, sendo até agora inédita na

3.1.3. Urna (figs. 10 e 11), fabricada com torno, com pasta de cor castanha clara (5YR 6/8), bem depurada e homogénea, com desengordurante micáceo fino, cozedura regular e cuidada, feita em meio oxidante.

A partir dos fragmentos existentes, um pedaço do bordo e uma grande porção do fundo que alcança meia altura, pudemos reconstituir graficamente a sua forma globular, de aspecto bitronco-cónico. A altura terá sido aproximadamente de 0,26 m e a sua largura máxima é de 0,265 m. A base mostra uma concavidade acentuada com ônfalo bem acusado. A boca é larga, com o bordo extrovertido e o lábio de perfil oblíquo. A espessura das paredes pouco variável

<sup>14</sup> Aqui apresentamos à sua directora, Joaquina Soares, e a Luísa Ferrer Dias os nossos agradecimentos pelo resultado excelente do trabalho ali realizado.

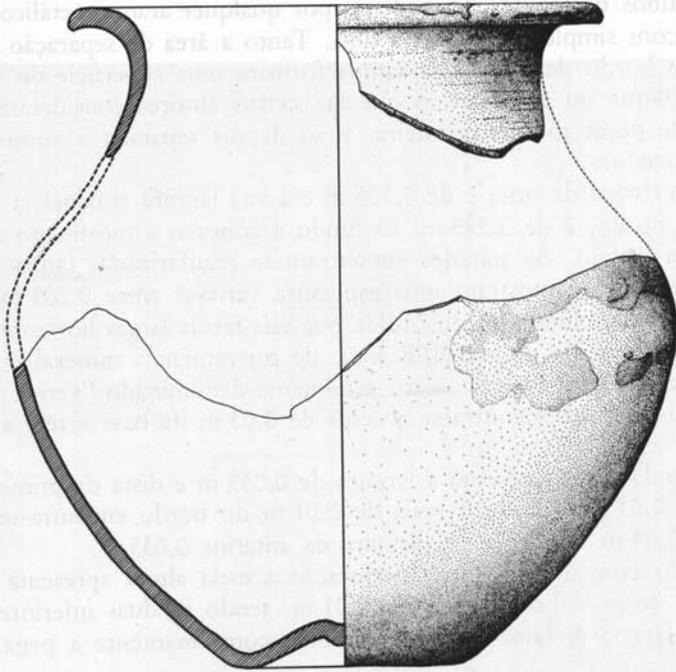


Fig. 10 — Necrópole do Galeado, urna 3. Esc. 1:3.

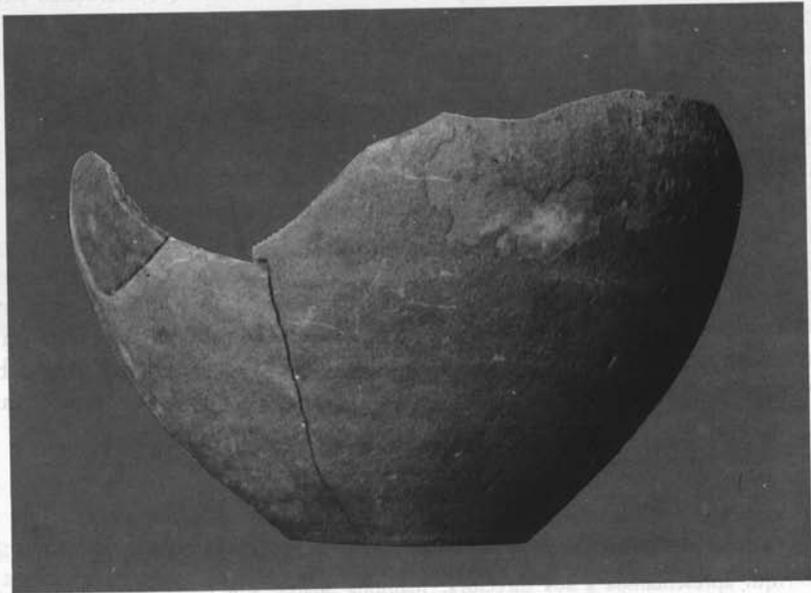


Fig. 11 — Necrópole do Galeado, urna 3.

mede cerca de 0,005 m. Tanto externa como internamente mostra as superfícies bem regularizadas, tendo na face exterior até cerca de 0,125 m da base e no interior do bordo um acabamento de engobe de cor vermelha, provavelmente hematítico (10R 4/6), espatulado e brunido ao torno, de aspecto acetinado, muito friável, coberto actualmente, quase na sua totalidade, por concreções calcárias de cor castanha clara.

3.1.4. Prato (figs. 12 e 13), fabricado com torno, com pasta de cor castanha clara rosada (5YR 6/4), bem depurada e homogénea, de grão muito fino,

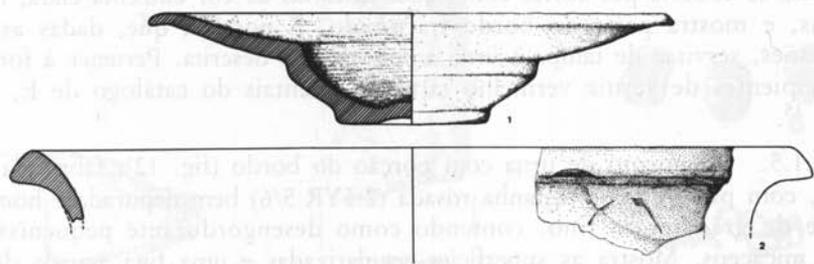


Fig. 12 — Necrópole do Galeado, prato de verniz vermelho e fragmento com bordo de uma quarta urna. Esc. 1:3.

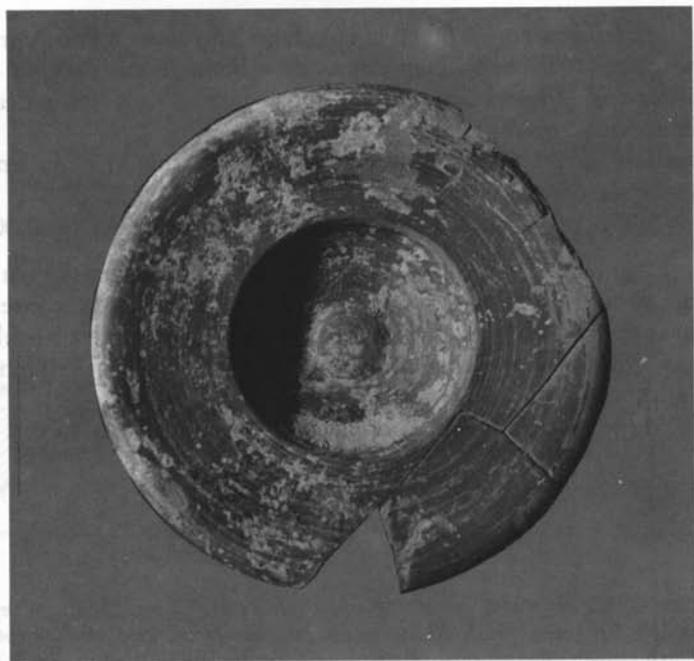


Fig. 13 — Necrópole do Galeado, prato de verniz vermelho.

contendo como desengordurante pequenos grãos de quartzo, com núcleo escuro menos alcançado pela cozedura que foi muito regular e feita em meio oxidante. A fractura é de aspecto lamelar.

Mostra um bordo largo com 0,06 m, ligeiramente oblíquo, terminando num lábio levemente biselado e espessado inferiormente, que rodeia uma conca-vidade central hemisférica com 0,025 m de profundidade.

O fundo assenta sobre um pé baixo com ônfalo. O diâmetro máximo mede 0,21 m e a altura total é de 0,045 m. O interior desta peça e a parte superior do bordo mostram um bom acabamento de verniz vermelho de cor acastanhada clara (2.5YR 5/6), formando uma película bem aderente à superfície, talvez previamente tratada com brunidor fixo. Grande parte desta peça encontra-se coberta por fortes concreções calcárias de cor cinzenta clara, muito fixadas, e mostra parte do bordo fracturado. É possível que, dadas as suas dimensões, servisse de tampa à urna anteriormente descrita. Pertence à forma 1 de recipientes de verniz vermelho tartéssio-orientais do catálogo de E. Cuadrado<sup>15</sup>.

3.1.5. Fragmento de urna com porção do bordo (fig. 12), fabricada com torno, com pasta de cor castanha rosada (2.5YR 5/6) bem depurada e homogénea, e de grão muito fino, contendo como desengordurante pequeníssimos grãos micáceos. Mostra as superfícies regularizadas e uma fina aguada de cor castanha rosada clara (2.5YR 6/6). Pela reconstituição gráfica podemos obter 0,30 m para o diâmetro da boca. O lábio extrovertido apresenta um perfil biselado, espesso, com a ponta arredondada. Concreções calcárias de cor cinzenta clara recobrem algumas áreas, mesmo nas zonas de fractura.

3.1.6. Fragmento (figs. 14, 1 e 15), fabricado com torno, com pasta de cor cinzenta clara (10YR 6/2), bem depurada e homogénea, de grão muito fino e cozedura regular. Mostra entre duas linhas incisivas uma faixa decorada por pequenas impressões oblíquas.

A superfície externa apresenta tratamento espatulado e podem-se ainda observar restos de concreções calcárias.

Mede 0,042 m por 0,025 m e tem uma espessura média de 0,003 m.

3.1.7. Fragmento (figs. 14, 2), fabricado com torno, pasta com núcleo de cor castanha rosada (5YR 5/4), bem depurada e homogénea, contendo como desengordurante pequenos grãos de quartzo, com cozedura regular. Tanto interna como externamente apresenta um engobe fino de cor castanha acinzentada (5YR 4/2), como acabamento espatulado.

Mede 0,022 m por 0,018 m e tem 0,003 m de espessura média.

<sup>15</sup> CUADRADO, E., *Materiales ibéricos: cerámica roja de procedencia incierta*, "Zephyrus", IV, 1953, pp. 265-310; *Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico*, "Tartessos, V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", Barcelona, 1969, pp. 257-290, pp. 267-274.

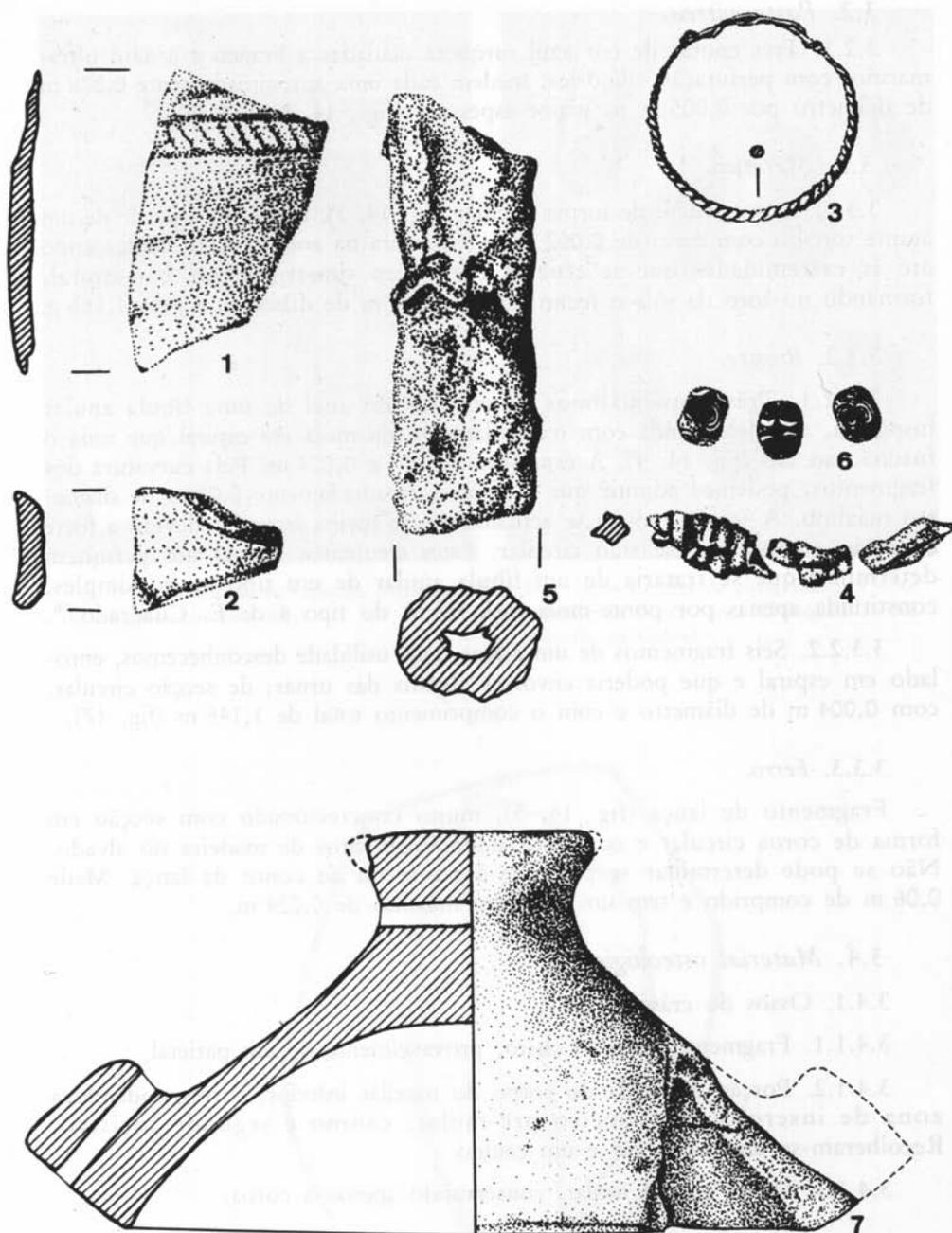


Fig. 14 — Necrópole do Galeado, cerâmica cinzenta fina (1), fragmento de vaso com bordo (2), *nazm* (3), fragmentos de fibula anular (4), fragmento de lança (5) e contas de pasta vítrea (6); Povoado de Chibanes, tampa de urna com orelhetas perfuradas (7). Esc. 1:1.

### 3.2. Pasta vítrea.

3.2.1. Três contas de cor azul turquesa oculadas a branco e a azul ultramarino, com perfuração cilíndrica, medem cada uma aproximadamente 0,008 m de diâmetro por 0,005 m na maior espessura (figs. 14, 6 e 16, 2).

### 3.3. Metálico.

3.3.1. Ouro. *Nazm* de forma circular (fig. 14, 3), fabricado a partir de um arame torcido com cerca de 0,002 m de espessura na zona central, adelgaçando até às extremidades que se cruzam e enrolam simetricamente em espiral, formando no toro da jóia o fecho. Mede 0,029 m de diâmetro e pesa 1,185 g.

#### 3.3.2. Bronze.

3.3.2.1. Três pequeníssimos fragmentos do anel de uma fíbula anular hispânica, um deles ainda com o enrolamento da mola em espiral que unia o fusilhão ao aro (fig. 14, 4). A espessura do aro é 0,004 m. Pela curvatura dos fragmentos, podemos admitir que mediria aproximadamente 0,08 m de diâmetro máximo. A secção mostra-se actualmente de forma irregular devido a forte corrosão embora tivesse sido circular. Estes elementos apenas nos permitem determinar que se trataria de um fíbula anular de um tipo muito simples, constituída apenas por ponte-mola-anel, talvez do tipo 4 de E. Cuadrado<sup>16</sup>.

3.3.2.2. Seis fragmentos de um arame, cuja utilidade desconhecemos, enrolado em espiral e que poderia envolver alguma das urnas; de secção circular, com 0,004 m de diâmetro e com o comprimento total de 1,148 m (fig. 17).

#### 3.3.3. Ferro.

Fragmento de lança (fig. 14, 5), muito concrecionado com secção em forma de coroa circular e contendo ainda fragmentos de madeira no alvado. Não se pode determinar se pertence à ponta ou ao conto da lança. Mede 0,06 m de comprimento e tem um diâmetro máximo de 0,024 m.

### 3.4. Material osteológico.<sup>17</sup>

#### 3.4.1. Ossos do crânio.

3.4.1.1. Fragmento de osso chato, provavelmente de um parietal.

3.4.1.2. Porção esquerda do corpo do maxilar inferior, correspondendo à zona de inserção do primeiro pré-molar, canino e segundo incisivo. Recolheram-se um pré-molar e um canino.

3.4.1.3. Dente grande molar, conservando apenas a coroa.

<sup>16</sup> CUADRADO, E., *La fíbula anular hispánica y sus problemas*, "Zephyrus", VIII, 1957, pp. 5-76.

<sup>17</sup> A descrição do material e as conclusões que fornecem devem-se ao Dr. Mário Garcia dos Santos, ao qual agradecemos.



Fig. 15 — Necrópole do Galeado, fragmento de cerâmica cinzenta fina.

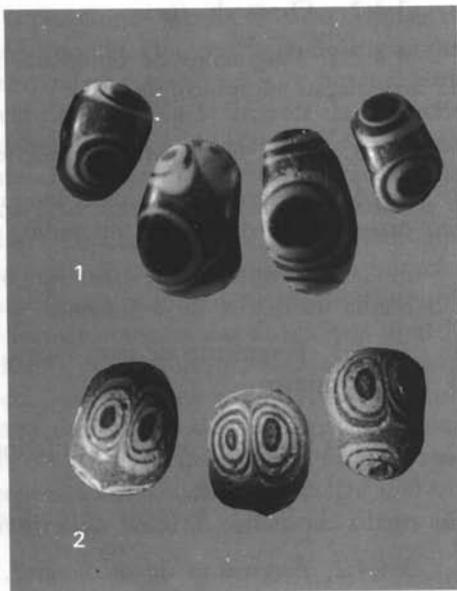


Fig. 16 — Contas de pasta vítrea: 1 - Necrópole da Fonte Santa (Ourique); 2 - Necrópole do Galeado.

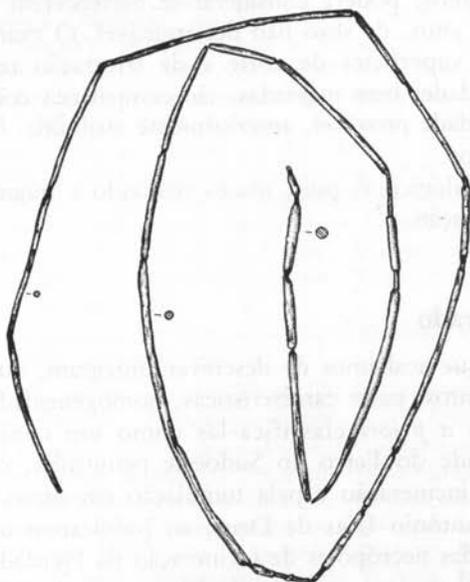


Fig. 17 — Necrópole do Galeado, arame de bronze. Esc. 1:3.

### 3.4.2. Ossos do tórax.

3.4.2.1. Fragmento de omoplata, contendo porção da cavidade glenoideia da articulação escápulo-humeral.

### 3.4.3. Ossos dos membros superiores.

3.4.3.1. Fragmento de osso longo, provavelmente correspondendo à porção proximal da diáfise de um rádio.

3.4.3.2. Fragmento de osso longo, provavelmente correspondendo a porção média da diáfise de um cúbito.

3.4.3.3. Fragmento de osso longo, provavelmente a porção média da diáfise de um húmero.

### 3.4.4. Ossos dos membros inferiores.

3.4.4.1. Fragmento de osso longo, provavelmente correspondendo à porção média da diáfise de uma tíbia direita. Mostra o orifício nutritivo do osso.

3.4.4.2. Fragmento de osso curto, provavelmente de tarso.

### 3.4.5. Ossos indeterminados.

3.4.5.1. Esquírola de um osso longo.

Embora limitados pela escassez do material analisado e pela reduzida dimensão dos fragmentos, no que respeita à espessura dos ossos chatos e da secção dos ossos largos, poderá considerar-se pertencerem a um indivíduo de idade inferior a dez anos, de sexo não determinável. O exame das peças dentárias, mostrando as superfícies de corte e de trituração respectivamente bem aguçada e de rugosidades bem marcadas, são compatíveis com escasso tempo de utilização e com a idade provável, anteriormente atribuída. Não foram observados sinais patológicos.

O material osteológico é, pois, muito reduzido e fragmentado, mostrando os efeitos da incineração.<sup>17</sup>

## 4. Estudo comparado

4.1. As peças que acabámos de descrever, integram, quanto a nós, importantes e raros elementos, cujas características, homogeneidade e contemporaneidade nos permitem *a priori* classificá-las como um conjunto arqueológico pertencente à II Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, caracterizado sobretudo pelo ritual da incineração e pela tumulação em urnas.

Abel Viana e António Dias de Deus, ao publicarem os materiais exumados, especialmente, das necrópoles de incineração da Herdade da Chaminé e da Horta das Pinas, ambas nos arredores de Elvas, reconhecem as suas dificuldades em encontrarem paralelos com outras necrópoles da mesma época no actual espaço português. Para eles, apenas os materiais da Idade do Ferro encontrados

em Bensafrim por Estácio da Veiga<sup>18</sup> e por Santos Rocha<sup>19</sup> e em Alcácer do Sal, devidos sobretudo aos trabalhos de Vergílio Correia<sup>20</sup>, poderiam enquadrar os seus achados, apesar de julgarem ambas estas estações, e muito acertadamente, de época anterior às que descobriram<sup>21</sup>. Na Necrópole da Chaminé, encontraram, A. Viana e A. D. de Deus e mais tarde M. Heleno<sup>22</sup>, ao chamar a si a continuação das investigações naquela estação, fragmentos de urnas, cujas formas de paredes pouco espessas e decoração pintada, constituída por faixas de linhas horizontais e segmentos circulares concêntricos, se integram no tipo cerâmico fabricado a torno, com pastas finas de cores claras, bem depuradas e de boa cozedura, geralmente decoradas, denominado genericamente “ibérico”, ao qual também por vezes se associam formas como as das duas urnas pintadas do Galeado. As cerâmicas, ditas “ibéricas”, estão muito divulgadas na fachada mediterrânica da Península e da França, sobretudo na região levantina, existindo também em alguns pontos interiores da Meseta, são ainda mal conhecidas e pouco estudadas em Portugal, devendo-se as principais contribuições para a sua divulgação, para além dos autores já citados, a Santos Rocha<sup>23</sup>, Bosch Gimpera<sup>24</sup>, Vergílio Correia (1916-1924-1925-1928)<sup>25</sup>, Mendes Corrêa, que

<sup>18</sup> VEIGA, S. P. M. E. da, *Antiguidades Monumentaes do Algarve, Tempos Pre-historicos*, IV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1891, 346 pp., XLV ests., pp. 250-255.

<sup>19</sup> ROCHA, A. dos S., *Memórias sobre a Antiguidade*, Figueira da Foz, 1897, 264 pp., 15 figs., pp. 143-159.

<sup>20</sup> CORREIA, V., *Obras — Estudos Arqueológicos*, IV (Acta Universitatis Conimbrigensis), Coimbra, 1972, 338 pp., pp. 151-200.

<sup>21</sup> VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, vol. XII, 1950, pp. 289-322. *Necrópolis Celtico-Romanas del Concejo de Elvas (Portugal)*, “Archivo Español de Arqueología”, 80, 1950, pp. 229-253, 229, 252-253. VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Notas para el estudio de la Edad del Hierro en el concejo de Elvas (Portugal)*, “Crónica del VI Congreso Arqueológico del Sudoeste, Alcoy, 1950”, Cartagena, 1951, pp. 89-105, 102. VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Necropolis de la Torre das Arcas*, “Archivo Español de Arqueología”, 1955, pp. 243-265. VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal)*, “Archivo Español de Arqueología”, 1955, separata, 36 pp. VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Notas de Arqueologia Alto Alentejana (Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa)*, “A Cidade de Évora”, 33-34, 1955, separata, 28 pp., 15 figs., 6 ests.; VIANA, A.; DEUS, A. D. de, *Campos de urnas do concelho de Elvas — Paço Ducal de Vila Viçosa, Materiais da Secção Arqueológica*, “O Instituto”, CXVIII, 1958, separata, 61 pp., 23 figs., XXVI ests., pp. 33-34.

<sup>22</sup> HELENO, M., *Arqueologia de Elvas — Notícia Preliminar*, “O Arqueólogo Português”, Nova Série, I, Lisboa, 1951, pp. 83-94, 85-91.

<sup>23</sup> ROCHA, A. dos S., *op. cit.* (v. nota 19), pp. 253-257; *Estações Pré-Romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, “Portugalia”, II, fascs. 3 e 4, 1908.

<sup>24</sup> BOSCH, P., *El problema de la cerámica ibérica* (7.<sup>a</sup> memoria de la comisión de Investigación Prehistorica y Protohistorica de Madrid), 1915; Id., *L'Estat Actual de la Investigación de la Cultura Ibérica*, “Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans”, VI 1920, separata, 24 pp.; Id., *Todavía el problema de la cerámica ibérica* (Cuadernos del Instituto de Historia, Serie Antropológica, n.º 2), México, 1958, 114 pp., XXXII ests., V quadros; CERRALBO, M. de, *Necropolis Ibéricas*, “Compte-rendu du XVIe. Congrès Internationale d'Anthr. et Arch. Préhist.”, I, Genève, 1912.

<sup>25</sup> CORREIA, V., *Conimbriga — a camada pré-romana da cidade*, “O Arqueólogo Português”, XXI, 1916, pp. 252-264; Id., *A cerâmica ibérica no Centro e Sul de Portugal*, “Terra Portuguesa”, V, 37, 1924, pp. 10-12.

segue sobretudo Bosch<sup>26</sup>, W. Schüle<sup>27</sup> e A. Alarcão<sup>28</sup>.

Este tipo cerâmico encontra-se, no entanto, em muitas estações, como nos grandes povoados geralmente fortificados, nos pequenos aglomerados urbanos, nos “montes” ou casais agrícolas e sobretudo em necrópoles, tanto na faixa sul-ocidental (Galeado), como meridional (Faro) como no interior, sobretudo no Alentejo (Cabeço de Vaiamonte, Castro de Segóvia, Castelo Velho de Veiros, Herdade da Chaminé e Necrópoles da Atafona e das Casas - Redondo), caracterizando-se, genericamente, por se situarem próximas do mar ou sobre as grandes vias de comunicação e de penetração no interior que são os rios Guadiana (Castro Marim, Castelo da Lousa, Azougada, Castelo de Moura, Castro de Segóvia, Ratinhos e Casas - Redondo), Arade (ilhéu do Rosário, Rocha Branca - Silves), Mira (Galeado, Atafona, Garvão e Mesas do Castelinho), Sado (Comenda, Chibanes, necrópole e Castelo de Alcácer do Sal e Miróbriga), Tejo (Lisboa, Chões de Alpompé e Santarém) e Mondego (Santa Olaia, Crasto Chões, Pardinheiros e Conímbriga).

Bosch Gimpera explica a existência de cerâmica ibérica em Portugal, sobretudo em Faro, Alcácer do Sal, Santa Olaia e Conímbriga como sendo uma “extensão ocidental da cultura ibérica”, propondo a sua importação ou, como alternativa, a sua fabricação tendo como modelos ou influência predominante as cerâmicas da área andaluza, “*malgrat ja des de l’Algarve trobem civilitzacions diferents no ibèriques*”, “*una altra cultura diferent de la ibèrica i de la cèltica a la vegada, però que encara és mal coneguda*”<sup>29</sup>. Referindo-se, ainda, àquilo a que chama “Cultura do Algarve e Baixo Alentejo” e que atribui aos Cinetes ou Cónios, citados pelas fontes clássicas, Bosch afirma que, apesar de mal conhecida, a relação com a cultura ibérica da Andaluzia está tão afastada dela como da “cultura ibérica pobre” dos castros do Norte de Portugal, que relaciona com os “lusitanos”. Os achados de cerâmicas ibéricas, sobretudo em Alcácer do Sal e em Santa Olaia, provenientes, segundo Bosch, por importação da Andaluzia, talvez pela via comercial que atravessava o Alentejo e chegava à foz

<sup>26</sup> CORRÊA, A. A. M., *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, A. Figueirinha, Porto, 1924, 390 pp., XXI ests., 32 figs., pp. 249-303.

<sup>27</sup> SCHÜLE, W., *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel* (Madrider Forschungen, 3), 1969, text und catalogue, 318 pp., 71 figs., 1 quadro; tafeln, 191 figs., 53 mapas.

<sup>28</sup> ALARCÃO, A. M., *Cerâmiques Pintades: A propos des céramiques de Conímbriga*, “Conímbriga”, XIV, 1975, pp. 102-105, est. XIV. Cerâmicas pintadas de tipo “ibérico”, encontradas em território português, são ainda referidas por outros autores como F. de Almeida (*Ruínas de Miróbriga dos Cèlticos — Santiago do Cacém*, Edição da Junta Distrital de Setúbal, 92 pp., XXIX ests., Setúbal, 1964), J. M. Arnaud (O “Castelo Velho” de Veiros — Estremoz — Campanha Preliminar de Escavações de 1969, “Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses”, vol. II, pp. 311-328, 1970), A. de A. Girão e J. M. B. Oleiro (*Geografia e campos fortificados romanos*, “Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra”, n.ºs 6 e 7, 1953); G. Zbyszewski, O. da V. Ferreira e M. C. Santos (*Àcerca do Campo Fortificado de “Chões de Alpompé — Santarém*”, “O Arqueólogo Português”, Série III, vol. II, 1968, pp. 49-60), J. M. Arnaud e T. J. Gamito (*Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I — Cabeça de Vaiamonte — Monforte*, “O Arqueólogo Português”, Série III, vols. VII-IX, pp. 165-202, 1974/77).

<sup>29</sup> BOSCH, P., *op. cit.* (v. nota 24), 1920, pp. 3, 14.

do Sado, conforme relata Avieno na *Ora Maritima*, a partir do Periplo Massaliota, confirmariam a sua antiguidade, que situa nos séculos VI-V a.C. <sup>30</sup>.

Esta hipótese contrária, como veremos, em certa medida, a distribuição dos achados de algumas daquelas cerâmicas (v. mapa da fig. 18), certamente importadas não da Andaluzia mas as mais antigas do Oriente, geralmente encontradas em estações próximas da costa ou dos rios navegáveis, associadas a muitos outros materiais de proveniência claramente estrangeira localizados na área circum-mediterrânica, cuja origem e dispersão está em alguns casos já bem determinada pela moderna investigação arqueológica. Este comércio só seria possível dentro de um sistema que encontraria valores de troca nas produções indígenas, baseadas, certamente, na exploração mineira, cujo tráfego não suporta geralmente, em termos de custos, de capacidade de deslocação e de dificuldades, grandes percursos terrestres e que, portanto, teriam de ser realizados por via marítima.

4.2. A forma da urna pintada do Galeado, caracterizada sobretudo pela tampa tronco-cônica e pelas orelhetas perfuradas é bastante rara no quadro da dispersão peninsular daqueles artefactos (fig. 18).

Trabalhos publicados recentemente ampliam a distribuição daquelas <sup>31</sup>, já compiladas e cartografadas anteriormente em estudos de síntese que lhes dedicaram Fletcher Valls em 1964, depois também por ele revisto em 1965, Jully e Nordström, em 1966, e aquele último em 1973, sendo, no momento actual, cerca de setenta as estações arqueológicas da península onde são conhecidas e elevando-se o número de exemplares aí encontrados a muito mais de uma centena. Observa-se, na sua dispersão (fig. 18), característica tendência litoral que acompanha as restantes cerâmicas importadas ou cujos modelos foram importados, sobretudo na área levantina, apesar da existência de alguns poucos exemplares encontrados em estações do interior, cujos espólios mostram características essencialmente continentais, como os da Necrópole de Las Madrigueras (Carrascosa del Campo), ou de Buenache de Alarcón, ambas na província de Cuenca <sup>32</sup>.

<sup>30</sup> BOSCH, P., *op. cit.* (v. nota 24), 1958, pp. 24-25.

<sup>31</sup> PRATS, A. G., *Excavaciones en el yacimiento protohistórico de La Peña Negra*, Crevillente (Alicante) (1.<sup>a</sup> y 2.<sup>a</sup> Campañas), (Excavaciones Arqueológicas en España, 99), 1979, 272 pp., 177 figs., XXI ests., p. 226; SIESO, J. P., *La Cerámica Iberica Procedente de Toya (Peal de Becerro, Jaén) en el Museo Arqueológico Nacional*, "Trabajos de Prehistoria", 36, pp. 289-347, 1979, pp. 331-332; NORDSTRÖM, S., 1973, *La Céramique Peinte Ibérique de la Province d'Alicante*, vol. II, 296 pp., 23 ests. (Acta Universitatis Stockholmiensis), Stockholm, pp. 174-176.

<sup>32</sup> GORBEA, M. A., *La necrópolis de "Las Madrigueras" — Carrascosa del Campo (Cuenca)*, (Biblioteca Praehistorica Hispana, X), Madrid, 1969, 165 pp., 61 figs., XI quadros, XXV ests., p. 39. LOSADA, H., *La Necropolis de La Edad del Hierro de Buenache de Alarcon (Cuenca)*, "Trabajos de Prehistoria", XX, 71 pp., 35 figs., X ests., Madrid, 1966; FLETCHER, D., *Las urnas de orejetas perforadas*, "Actas del VIII Congreso Nacional de Arqueología", 1963, pp. 305-319, Zaragoza, 1964; *La Necropolis de La Solivella (Alcalá de Chivert)* (S. I. P., Diput. Prov. de Valencia, Serie de Trabajos Varios, 32), 58 pp., 22 figs., I ests., 1965; JULY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *Les vases à oreillettes perforées en France et leur similaires en Méditerranée Occidentale*, "Archivo de Prehistoria Levantina", XI, 1966, pp. 99-124; GIL-MASCARELL, M., *La torre ibérica de Foyos (Lucena del Cid, Castellon)*, "Actas del XII Congreso Nacional de Arqueología", pp. 519-526,

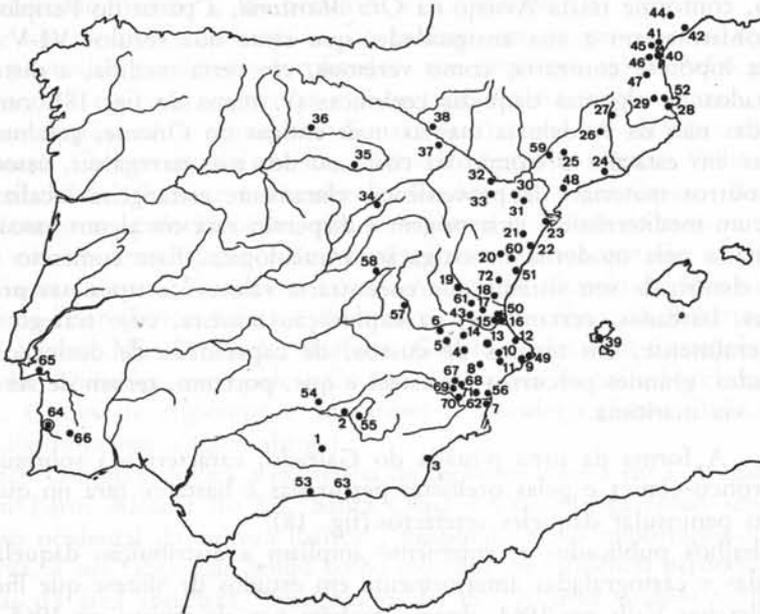


Fig. 18 — Carta das estações com urnas de orelhetas perfuradas (a localização é aproximada):

- |   |  |
|---|--|
| 1 — La Guardia (Jaén).  | 22 — Solivella, Alcalá de Chivert (Castellón).   |
| 2 — Toyo, Peal de Becerro (Jaén).                                 | 23 — Oriola, Amposta (Tarragona).                |
| 3 — Villaricos (Almería).   | 24 — Can Canarys, Banyeres (Tarragona).          |
| 4 — Llano de la Consolación, Montealegre del Castillo (Albacete). | 25 — Tossal de les Tenalles, Sidamunt (Lérida).  |
| 5 — Hoya de Santa Ana, Chinchilla (Albacete).                     | 26 — Anseresa, Olius (Lérida).                   |
| 6 — Casa del Monte, Valdeganga (Albacete).                        | 27 — San Miguel de Sorba, Solsona (Lérida).      |
| 7 — El Molar, Guardamar (Alicante).                               | 28 — Muralha NE, Ampurias (Gerona).              |
| 8 — Puntal de Salinas, Villena (Alicante).                        | 29 — Peralada, Port de la Selva (Gerona).        |
| 9 — Altea la Vieja, Altea (Alicante).                             | 30 — Piuró del Barranc Fondo, Mazaleón (Teruel). |
| 10 — La Serreta, Alcoy (Alicante).                                | 31 — San Antonio, Calaceite (Teruel).            |
| 11 — El Puig, Alcoy (Alicante).                                   | 32 — Azaila (Teruel).                            |
| 12 — Oliva (Valencia).  | 33 — Castillillo, Alloza (Teruel).               |
| 13 — La Bastida de les Alcuses, Mogente (Valencia).               | 34 — Aguilar de Anguita (Guadalajara).           |
| 14 — Castellar de Meca, Ayora (Valencia).                         | 35 — Osma, Gormaz (Soria).                       |
| 15 — Els Ebols, Alcudia de Carlet (Valencia).                     | 36 — Lara (Burgos).                              |
| 16 — Alteret de Vintuitena, Albalat de la Ribera (Valencia).      | 37 — La Atalaya, Cortes (Navarra).               |
| 17 — La Carencia, Turis (Valencia).                               | 38 — La Torraza, Valtierra (Navarra).            |
| 18 — San Miguel de Liria (Valencia).                              | 39 — Puig des Molins, Ibiza.                     |
| 19 — El Molino, Sinarcas (Valencia).                              | 40 — Grand Bassin II, Mailhac (Aude).            |
| 20 — Masía del Pla, Aranyuel (Castellón).                         | 41 — Cayla II, Mailhac (Aude).                   |
| 21 — Mas Nou de Bernabé, Tirig (Castellón).                       | 42 — La Monédière, Bessan (Hérault).             |
|   | 43 — Muelas de la Cuadra, Requena (Valencia).    |
|   | 44 — Saint Julien, Pézenas (Hérault).            |

Vests, Zaragoza, 1973. MOLINA, J., *Urna de orejetas perforadas procedente del Posico de San Pascual (Jumilla)*, "Archivo de Prehistoria Levantina", XV, pp. 163-165, 1978. PERICOT, L., *Cerámica Ibérica*, Ediciones Poligrafa, 293 pp., 432 figs., Barcelona, 1979; RIAZA, A. R., *Colección de Cerámica Púnica de Ibiza* (Museo Arqueológico Nacional, 5), 125 pp., 41 figs., 14 ests., 1980, Madrid, p. 115.

- |   |  |
|---|--|
| 45 — Pech-Maho, Sigean (Aude).                          | 58 — Las Madrigueras, Carrascosa del Campo (Cuenca). |
| 46 — Montlaurès, Narbonne (Aude).                       | 59 — Margalef, Torregrosa (Lérida).                  |
| 47 — Ruscino, Castel-Roussillon, (Pyrénées Orientales). | 60 — Foyos, Lucena del Cid (Castellón).              |
| 48 — Serra de l'Espasa, Capsanes (Tarragona).           | 61 — Sima de l'Aigua, Carcagente (Valencia).         |
| 49 — Peñon de Ifach, Calpe (Alicante).                  | 62 — Peña Negra, Crevillente (Alicante).             |
| 50 — Planet d'Albalat, Albalat de Tarongers (Valencia). | 63 — Cortijo de Las Sombras, Frigiliana (Málaga).    |
| 51 — Les Colmes de Palanques, Zorita (Castellón).       | 64 — Galeado, Vila Nova de Milfontes (Beja).         |
| 52 — Ullastret (Gerona).                                | 65 — Chibanes (Setúbal).                             |
| 53 — El Jardín, Torre de Mar (Málaga).                  | 66 — Garvão, Ourique (Beja).                         |
| 54 — Cástulo, Linares (Jaén).                           | 67 — Posico de San Pascual, Jumilla (Murcia).        |
| 55 — Castellones de Ceal (Jaén).                        | 68 — Cerro del Castillo, Jumilla (Murcia).           |
| 56 — Los Saladares (Alicante).                          | 69 — La Marquina, Jumilla (Murcia).                  |
| 57 — Buenache de Alarcon (Cuenca).                      | 70 — La Torrecica (Albacete).                        |
|   | 71 — Meca (Murcia).                                  |
|   | 72 — La Mina, Gatova (Castellón).                    |

Outras estações onde apareceram urnas idênticas, como El Jardín (Málaga), Cástulo, Castellones del Ceal, Toya e Molar, são as que mais se aproximam geograficamente do Galeado, apesar de separadas por mais de trezentos quilómetros, mantendo embora as suas características próprias, tanto mais que apenas temos, como elementos de comparação, o local onde se situava a necrópole e os escassos materiais ali encontrados, pois, como vimos não foram ainda feitas escavações que possam enriquecer os curtos dados de que dispomos. A proximidade do mar ou de rios é um factor marcante na situação das jazidas onde tem aparecido o tipo de urna que tratamos, relevando o seu carácter exógeno e a sua origem no Mediterrâneo oriental ou central como propôs já Fletcher Valls<sup>33</sup>, ou apenas o Mediterrâneo oriental segundo Jullý e Nordström<sup>34</sup>.

A este propósito, não queremos deixar de referir uma outra tampa de urna com orelhetas perfuradas (fig. 14, 7), encontrada em Portugal no povoado de Chibanes por Marques da Costa, entrada no M.N.A.E. em 1936 e publicada por aquele como sendo “um pequeno vaso” com “pé alto” e “asa perfurada”, não nos fornecendo qualquer indicação sobre as condições da sua jazida na estação<sup>35</sup>. É uma peça com forma idêntica à do Galeado, embora de dimensões mais reduzidas, medindo 0,095 m de diâmetro máximo e 0,056 m de altura.

Fabricada sem torno, com pasta de cor castanha (7.5YR5/4) mal depurada, contendo como desengordurante quartzo de grão médio, foi cozida em ambiente variável de oxidante a redutor apresentando por isso grandes manchas de cor negra (7.5YR2/0) sobre a sua superfície exterior que mostra tratamento espatulado. Por lhe faltar um fragmento tem hoje apenas uma das orelhetas que dadas as reduzidas dimensões da peça funcionariam como verdadeiras asas. O botão terminal encontra-se perfurado horizontalmente de um extremo ao outro, atributo que não se encontra na tampa da urna do Galeado, mas que tem paralelos

<sup>33</sup> FLETCHER, D., *Las urnas de orejetas perforadas*, “Actas del VIII Congreso Nacional de Arqueología”, 1963, Zaragoza, 1964, pp. 305-319.

<sup>34</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 32).

<sup>35</sup> COSTA, A. I. M. da, *Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal — Idades do Bronze e do Ferro no Castro de Chibanes*, “O Archeólogo Português”, XV, 1910, pp. 55-83, 67, V.

na urna da sepultura 33 de Puntal de Salinas (Villena) e na sepultura 3 da Necrópole de La Solivella (Alcalá de Chivert)<sup>36</sup>. A perfuração do botão, tal como o pequeno orifício da tampa da urna do Galeado, destinar-se-iam a deixar circular o ar durante a cozedura da peça visto a tampa ser geralmente cortada com o barro fresco e o seu ajustamento perfeito é conseguido fazendo o cozimento com as peças montadas. Outros autores pensam que aqueles orifícios se destinariam a deixar sair o calor das cinzas ainda quentes recolhidas nas urnas, facto que não nos parece muito aceitável por não acharmos haver urgência no acto de recolher os restos incinerados e conhecermos até relatos escritos das demoradas cerimónias dos rituais fúnebres e dos processos de incineração de gregos e romanos como de algumas práticas utilizadas na península, testemunhadas por autores latinos, como o funeral de Viriato narrado por Apiano e Diodoro. A recolha dos restos ósseos, conservados em urnas seria certamente efectuada com cuidado incluindo-se até em alguns casos a lavagem desses restos com água e vinho, antes do seu encerramento na urna e tal como ainda hoje se processa entre muitos povos que utilizam a incineração<sup>37</sup>. Podemos encontrar uma melhor explicação para a perfuração horizontal do botão terminal das tampas como meio para uma melhor fixação, fazendo passar também pelo botão o arame ou o fio que fixaria a tampa à parte superior da urna através das orelhetas perfuradas, tanto mais que a perfuração do botão no exemplar de Chibanes não atinge o interior da tampa, o que põe desde logo de parte a possibilidade da ventilação. No caso do Galeado, onde a tampa mostra uma perfuração na parede, existe ainda a hipótese de uma explicação de natureza escatológica, destinando-se o furo a deixar uma passagem à alma<sup>38</sup>; aspecto que reveste diferentes formas em muitas religiões, observado até já em monumentos megalíticos, onde em dos esteios, muitas das vezes o da cabeceira, apresenta a meia altura um orifício sem qualquer outra utilidade aparente.

A tampa de Chibanes é possivelmente uma peça de fabricação local que procuraria reproduzir outra idêntica, de fabrico mais requintado. O modelo poderia ali ter chegado, tal como a urna do Galeado, importado, ao que nos parece por via marítima. A notável proximidade geográfica de Chibanes e do Galeado em termos peninsulares é relevante se atendermos à grande distância, mais de trezentos quilómetros, de outras estações donde provêm peças congêneres, não esquecendo a assinalável quantidade de locais, inéditos ou mal conhecidos, que de permeio, ofereceram cerâmicas pintadas, muitas pertencentes ao mundo cultural em que estas se integram.<sup>38a</sup>

<sup>36</sup> FLETCHER, D., *La Necrópolis de La Solivella (Alcalá de Chivert)*, (S. I. P., Diput. Prov. de Valencia, Serie de Trabajos Varios, 32), Valencia, 1965, 58 pp., 22 figs., L est., pp. 26-28, 13; Id., *La Necrópolis ibérica de Solivella (Alcalá de Chivert, Castellón de la Plana)*, "Actas del VII Congreso Nacional de Arqueología", pp. 261-264, Barcelona, 1962.

<sup>37</sup> KURTZ, D. C.; BOARDMAN, J., *Greek Burial Customs*, Thames and Hudson, London, 1971, 384 pp., 92 figs., 7 mapas. De La Torrecita, Montealegre (Albacete) procede também uma urna com a tampa perfurada perto da pega; cf. PERICOT, L., *op. cit.* (v. nota 32), p. 33, fig. 38, b.

<sup>38</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 32), p. 123.

<sup>38a</sup> Muito recentemente, em meados de 1982, quando este trabalho já se encontrava entregue para publicação, foi encontrada em Garvão (Ourique) (cf. fig. 18), num depósito votivo datável dos sécs. IV-III a.C., uma nova tampa de urna com orelhetas perfuradas.

4.3. A urna de orelhetas do Galeado faz parte do tipo mais simples (tipo 1 de JULLY e NORDSTRÖM), ou seja aquele que apresenta forma essencialmente esférica e apenas um par de orelhetas. Tipos e variantes de urnas com orelhetas perfuradas foram já estudados, como referimos, atendendo tanto aos seus atributos formais como à temática decorativa<sup>39</sup>. Outras variantes apresentam dois pares de orelhetas, outras alternam as orelhetas com asas e uma outra mostra as orelhetas e as asas acopladas.

As formas mais comuns são sete, fabricadas tanto com torno como sem ele, podendo ser globulares ou esféricas, havendo no entanto outras bitronco-cônicas e piriformes. O botão terminal da tampa pode ser em forma de cone, cilíndrico ou de disco mais ou menos largo. Apenas um caso mostra a tampa terminada por três apêndices, espécie de tripode. A decoração pintada inclui uma gramática muito divulgada na cerâmica "ibérica", faixas horizontais, alternando diferentes larguras e bandas de círculos e de semicírculos concêntricos ou de linhas onduladas<sup>40</sup>.

Na Necrópole da La Solivella (Alcalá de Chivert, Valencia) classificou Fletcher Valls vinte e duas urnas com orelhetas, que totalizam 36% das formas cerâmicas ali encontradas, repartidas por três tipos, da seguinte forma: treze apenas com orelhetas perfuradas, quatro com orelhetas e asas alternadas e cinco com asas rematadas em orelhetas perfuradas<sup>41</sup>.

Assinale-se que toda a cerâmica de La Solivella, exceptuando um pequeno fragmento informe, foi feita a torno, demonstrando a sua plena integração numa área de concentração daqueles achados, que não existe nas áreas da sua dispersão como no Galeado e em Chibanes ou em Las Madrigueras, onde encontramos a par de cerâmicas de pastas finas, importadas, outras autóctones, fabricadas sem torno, de pastas mal depuradas e com cozedura irregular. A exclusão de peças fabricadas sem torno em La Solivella poderá dever-se também a factores de ordem cronológica como adiante veremos<sup>42</sup>.

As peças de Alcalá de Chivert, cujas formas mais se aproximam do Galeado, são as urnas 18 e 19 recolhidas em superfície e as urnas das sepulturas 3 e 15. Outras mostram a boca um pouco mais alta, o botão terminal em forma de disco largo e as faixas decorativas mais estreitas<sup>43</sup> (fig. 19).

4.4. Na grande colecção de cerâmicas ibéricas procedentes de Toya, hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid, encontram-se também três exemplares de urnas com orelhetas perfuradas, classificadas no tipo 3B de J. Sieso<sup>44</sup>. Mostram, como características que mais as diferenciam da urna do Galeado, a boca bastante alta, a utilização de policromia na decoração e a

<sup>39</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 33); JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 34).

<sup>40</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 34), p. 102.

<sup>41</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 36), p. 44.

<sup>42</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 36), pp. 28, 32.

<sup>43</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 36), pp. 28, 32.

<sup>44</sup> SIESO, J. P., *op. cit.* (v. nota 31), pp. 302-304.

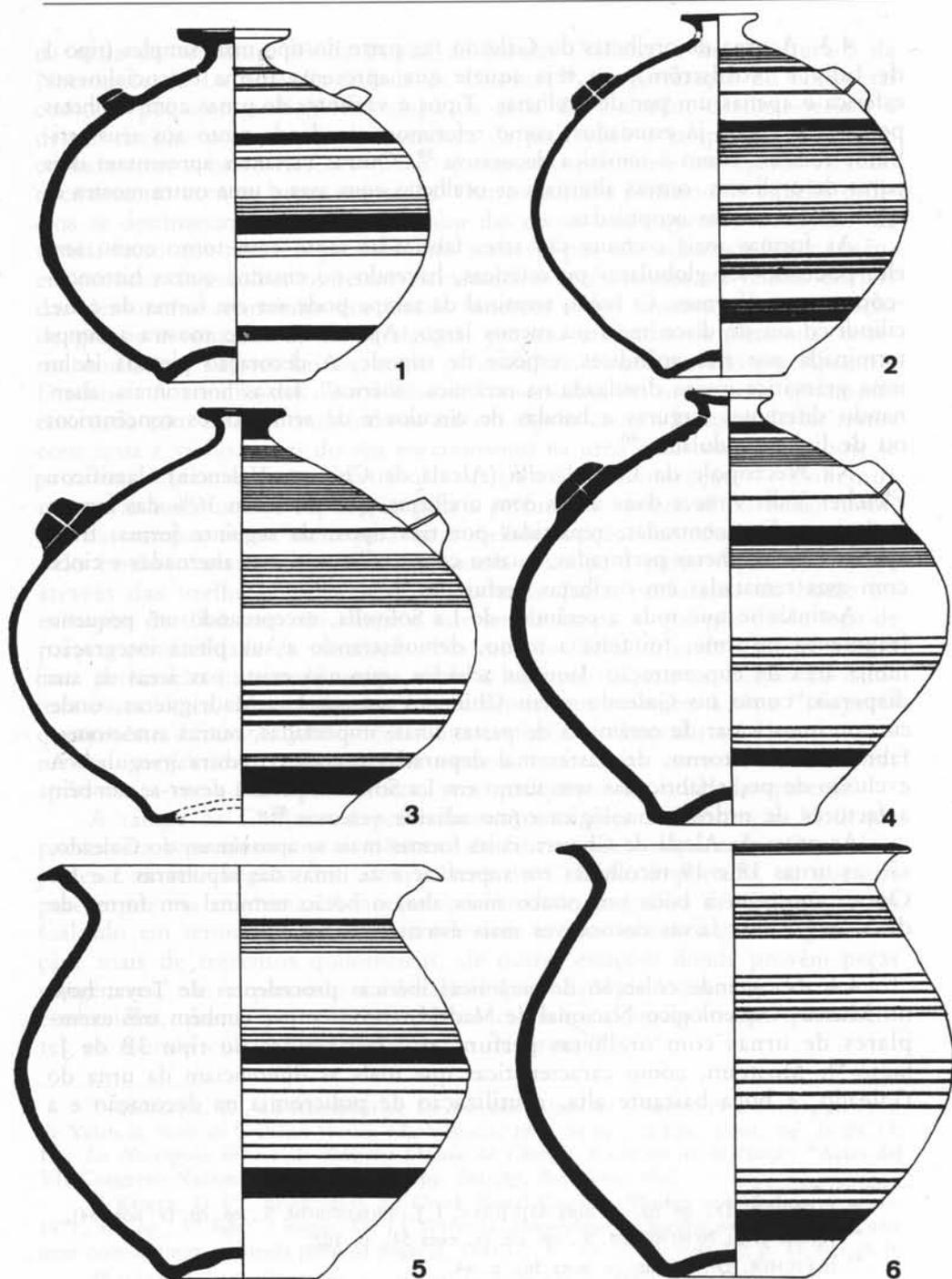


Fig. 19 — Necrópole de La Solivella (Valencia); 1 - urna 18 (h=0,204 m); 2 - urna 3 (h=0,21 m); 3 - urna 19 (h=0,24 m); 4 - urna 15 (h=0,252 m); 5 - urna 5 (h=0,24 m); 6 - urna 28 (h=0,252 m). (Segundo Fletcher Valls, 1965, pp. 21-27, 29, 35 e 37).

existência de asas verticais de secção circular, junto ao bordo, intervalando com as orelhetas perfuradas.

4.5. Já bem dentro da Meseta, a Necrópole de Buenache de Alarcón (Cuenca) forneceu duas urnas globulares, incinerações 16 e 17 e a tampa de uma terceira, encontrada perto da incineração 2, com pares de orelhetas perfuradas, hoje no Museu de Cuenca <sup>45</sup> (fig. 20, 2 e 3). Embora já não se encontrem decoradas, as suas formas e o tipo de pasta com que são fabricadas integram-nas sem dúvida no grupo de que temos vindo a tratar. A urna da incineração 16 não apresentou qualquer espólio enquanto a da incineração 17 continha no seu interior três fíbulas anulares de bronze com arco alto e cinco fusaiolas de forma bitronco-cónica, com perfuração cilíndrica, uma delas decorada com pontos incisos formando segmentos de recta <sup>46</sup>.

Nesta mesma necrópole encontramos ainda paralelos para as duas restantes urnas do Galeado. A primeiramente descrita (3.1.1.) mostra notáveis semelhanças com a urna da incineração n.º 1; apesar de não ser feita a torno, a sua forma globular, a base côncava e as suas proporções aproximam-na daquela (fig. 20, 1).

No interior da urna da incineração n.º 1 de Buenache de Alarcón encontrou-se uma fíbula anular de bronze, com arco alto e duas fusaiolas bitronco-cónicas, uma delas decorada com linhas incisivas formando triângulos e na base um motivo estelar <sup>47</sup>. Uma outra forma algo semelhante, embora também feita a torno é a urna da incineração n.º 6, de forma globular, com a maior largura a meia altura, com o pé bem marcado e o fundo côncavo com ônfalo (fig. 20, 12). O espólio que continha é constituído por uma ponta de lança com alvado, de ferro, uma fíbula anular de bronze com arco alto, três pendentes em bronze em forma de 8 e um fragmento de um quarto, duas fusaiolas de forma bitronco-cónica, com perfuração cilíndrica, uma decorada por incisões rectilíneas formando triângulos <sup>48</sup>.

A urna 3 do Galeado (3.1.3.) poderia encontrar como paralelo formal mais próximo em Buenache de Alarcón a urna da incineração n.º 4, também de corpo globular, com a maior largura a meia altura, formando uma espécie de carena alta que lhe dá um aspecto bitronco-cónico, o fundo côncavo com ônfalo, boca larga e o bordo extravasado (fig. 20, 13). No interior desta peça encontravam-se três fusaiolas bitronco-cónicas, com perfuração cilíndrica <sup>49</sup>. Lembremos que a peça referida mostra também e tal como a do Galeado a superfície externa com engobe vermelho espatulado.

Nesta necrópole encontraram-se ainda três vasos de cerâmica com pasta de cor cinzenta escura, nas incinerações n.ºs 3, 7 e 12 que, pela sua descrição, não podemos avaliar tratar-se de cerâmica cinzenta de pasta fina como a do frag-

<sup>45</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 56, 61, 63.

<sup>46</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 57-62.

<sup>47</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 14-16.

<sup>48</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 26-30.

<sup>49</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 22-24.

mento do Galeado. A peça da incineração n.º 7 corresponde à forma 21 de Lamboglia, comum na cerâmica pré-campaniense <sup>50</sup>.

4.6. É ainda perto de Cuenca, na Necrópole da Las Madrigueras (Carras-cosa del Campo), que, no túmulo III, estrato II, encontramos também uma urna com orelhetas perfuradas, exemplar único nesta estação, algo semelhante à nossa, mas de dimensões mais reduzidas. Era acompanhada de duas pequenas urnas, uma fabricada sem torno e a outra carenada, com pé e feita a torno, de

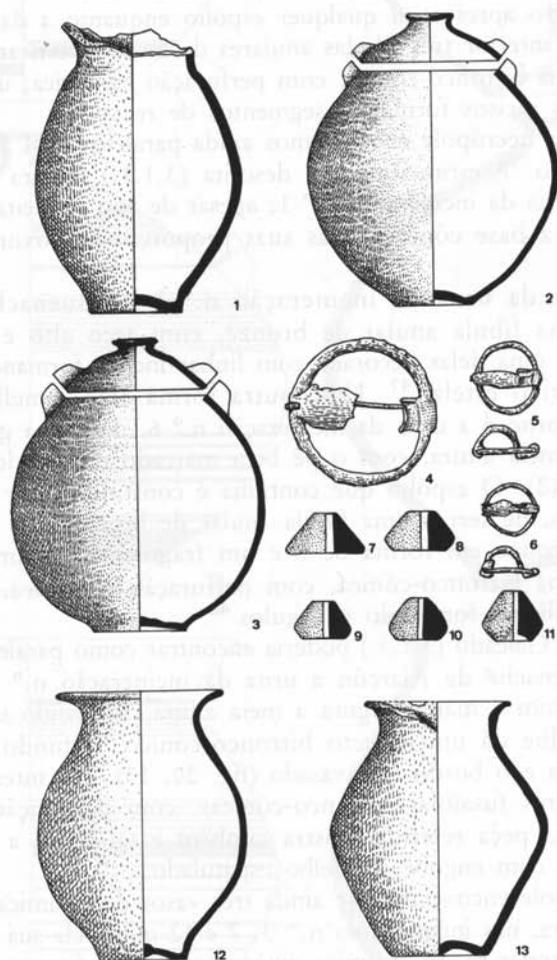


Fig. 20 — Necrópole de Buenache de Alarcón (Cuenca); 1 - urna 1 (h=0,25 m); 2 - urna 16 (h=0,31 m); 3-11 urna e material da incineração 17 (h=0,30 m); 12 - urna 6 (h=0,233 m); 13 - urna 4 (h=0,22 m). (Segundo H. Losada, 1966, 15, 24, 29, 58, 60 e 61).

<sup>50</sup> LOSADA, H., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 19-22, 30-31, 47-49, 70.

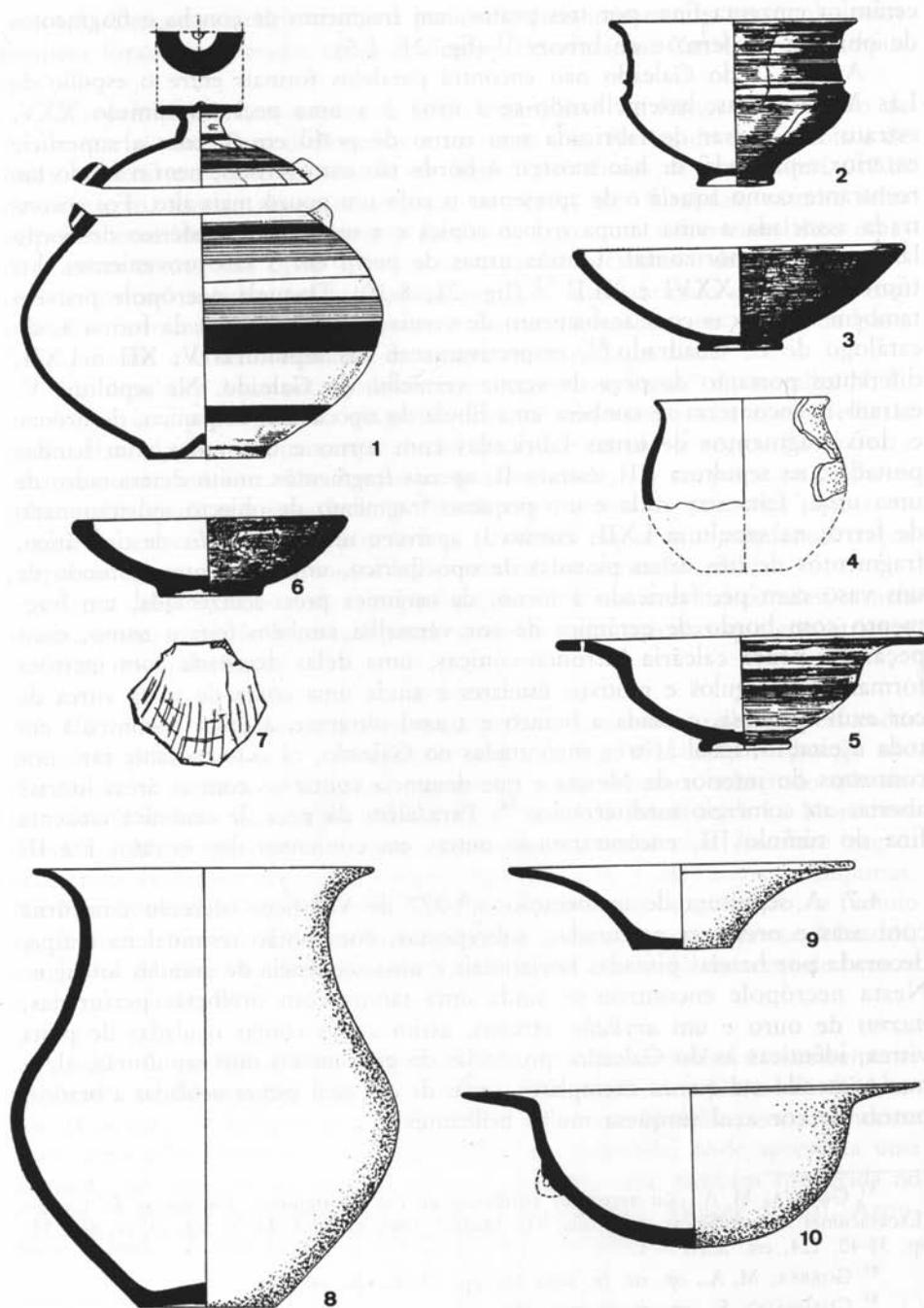


Fig. 21 — Necrópole de Las Madrigueras (Cuenca); 1 a 7 - túmulo III; 8 a 10 - túmulo XXV. (Segundo Almagro Gorbea, 1969, 39 e 57).

cerâmica cinzenta fina, por três pratos, um fragmento de concha e fragmentos de objectos de ferro e de bronze<sup>51</sup> (fig. 21, 1-5).

A urna 1 do Galeado não encontra paralelos formais entre o espólio de Las Madrigueras, assemelhando-se a urna 3 a uma peça do túmulo XXV, estrato IV, apesar de fabricada sem torno de perfil em S, com a superfície exterior espatulada, de não mostrar o bordo tão extrovertido, nem o fundo tão reentrante como aquela e de apresentar o colo um pouco mais alto. Foi encontrada associada a uma tampa tronco-cónica e a um vaso hemisférico de bordo largo e quase horizontal. Outras urnas de perfil em S são provenientes dos túmulos XXI, XXVI e XLII<sup>52</sup> (fig. 21, 8-10). Daquela necrópole provêm também três peças com acabamento de verniz vermelho, todas da forma 4, do catálogo de E. Cuadrado<sup>53</sup>, respectivamente nas sepulturas V, XII e LXII, diferentes portanto da peça de verniz vermelho do Galeado. Na sepultura V, estrato I, encontrava-se também uma fíbula do tipo anular hispânico, de bronze e dois fragmentos de urnas fabricadas com torno e decoradas com bandas pintadas; na sepultura XII, estrato II, apenas fragmentos muito deteriorados de uma urna, feita sem roda e um pequeno fragmento de objecto indeterminado de ferro; na sepultura LXII, estrato I, apareceu um pé de *kylix* de tipo ático, fragmentos de três urnas pintadas de tipo ibérico, um fragmento do fundo de um vaso com pé, fabricado a torno, de cerâmica preta-acinzentada, um fragmento com bordo de cerâmica de cor vermelha também feita a torno, duas peças de pedra calcária bitronco-cónicas, uma delas decorada com incisões formando triângulos e motivos estelares e ainda uma conta de pasta vítrea de cor azul turquesa, oculada a branco e a azul ultramar, a única encontrada em toda a estação, igual às três encontradas no Galeado, objecto bastante raro nos contextos do interior da Meseta e que denuncia contactos com as áreas litorais abertas ao comércio mediterrânico<sup>54</sup>. Para além da peça de cerâmica cinzenta fina do túmulo III, encontraram-se outras em conjuntos dos estratos I e II.

4.7. A sepultura de incineração n.º 377 de Villaricos ofereceu uma urna com asas e orelhetas perfuradas, sobrepostas, com botão terminal na tampa, decorada por bandas pintadas horizontais e uma sequência de grandes losangos. Nesta necrópole encontrou-se ainda uma tampa com orelhetas perfuradas, *nazms* de ouro e um *arybalos* etrusco, assim como contas oculadas de pasta vítrea, idênticas às do Galeado, provindas de pelo menos oito sepulturas, algumas contendo até quinze exemplares, umas de cor azul escura oculadas a branco, outras de cor azul turquesa muito brilhantes<sup>55</sup>.

<sup>51</sup> GORBEA, M. A., *La necrópolis celtibérica de Las Madrigueras, Carrascosa del Campo*, (Excavaciones Arqueológicas en España, 41), Madrid, 1965; GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 38-40, 124, est. XXII — 1.

<sup>52</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 57-58, 106, est. VII.

<sup>53</sup> CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 15).

<sup>54</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 40-41, 49, 86-88, 119, 137.

<sup>55</sup> ASTRUC, M., *La necrópolis de Villaricos*, (Informes y Memorias de la Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, 25), Madrid, 1951, 234 pp., XC ests., 57-59, XXVIII - 5, XXXII, 10-11.

4.8. Resta-nos referir ainda na península duas importantes necrópoles onde também foram encontradas urnas de orelhetas perfuradas: Can Canyis e Ampurias.

Na primeira, encontraram-se cinco exemplares de fechos de cinturão de um só garfo, dois com dois garfos e um com três, fíbulas de dupla mola e de mola bilateral e pé alto terminado em botão, oito discos de prata com 0,017 m. de diâmetro, contas de pasta amarela ou verde, três fusaíolas, catorze selos egípcios, nove escaravinhos, quatro lanças de ferro, um *soliferreum*, duas espadas, assim como dois tipos distintos de urnas de orelhetas e de fecho hermético, de formas ovóides, sendo algumas pintadas: um fabricado sem torno, com o botão terminal da tampa bicônico e outro, fabricado com torno, de pasta fina, pintado e com o terminal da tampa em forma de disco<sup>56</sup>.

Da sepultura 3 da necrópole de tipo "campo de urnas" da muralha N. E. de Ampurias, provém uma pequena urna já sem tampa mas com orelhetas perfuradas, de um contexto que inclui peças de *bucchero* negro, *kantharos* e cerâmica cinzenta fina. De Ampurias provém ainda três tampas com orelhetas perfuradas que, segundo Jully e Nordström, serão de cerâmica jónica ou jónico-focense, decoradas por linhas paralelas estreitas e pequenos traços perpendiculares, pintadas com a característica cor vermelha pálida.

Uma delas mostra ainda três perfurações suplementares nas paredes, a meia altura, e tem o botão terminal pouco acusado, características que encontramos na urna do Galeado.

4.9. Além Pirenéus, conhecem-se também urnas de orelhetas perfuradas ainda em pelo menos sete estações (v. mapa da fig. 18), cuja distribuição não ultrapassa no entanto o Ródano, importando aqui retermos sobretudo três delas: Grand Bassin II, túmulos 10, 12 e 14, Cayla II (Mailhac) e La Monédière (Bessan). Mostram espólios muito homogêneos, todas com *bucchero* negro, mantendo evidentes afinidades com as necrópoles de Can Canyis e Ampurias. Na Necrópole do Grand Bassin II, uma sepultura rica de guerreiro, o túmulo 14, forneceu uma urna de orelhetas perfuradas, envolta por *soliferrria* dobrados, um fecho de cinturão de três garfos, uma fíbula, restos de um vaso de bronze e cerâmica indígena<sup>57</sup>.

4.10. A cerâmica com tratamento de verniz vermelho é escassamente conhecida na Meseta nas Necrópoles de Las Madrigueras e Olmedilla de Alarcón (Cuenca), de Villanueva de Bogas (Toledo) e em Medellín, encontrando-se com certa abundância na zona meridional da península, onde apresenta uma distribuição mais intensa junto à costa. É, embora rara, também conhecida no Centro e Sul de Portugal (Santa Olaia, Conímbriga), Alcácer do Sal, Azougada, Chada, Zambujalinho e Rocha Branca - Silves).

<sup>56</sup> VILASECA, F.; SOLÉ, J. M.; MÀNÉ, R., *Una necrópolis de incineracion de la primera edad del Hierro en el Bajo Panadés (Nota Preliminar)*, "Actas del VII Congreso Nacional de Arqueología, Barcelona, 1961", 1962, pp. 209-213.

<sup>57</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 34), pp. 100-101; SCHÜLE, W., *op. cit.* (v. nota 27), p. 189.

De Medellín, estação do interior da Meseta mas situada sobre o Guadiana, provém um prato muito semelhante ao do Galeado e abundante espólio que inclui ainda outros oito pratos de verniz vermelho, vasos esféricos, urnas decoradas com bandas de cor vermelha do tipo "ibérico", cerâmicas cinzentas, cerâmicas gregas, grafitosleteriformes e outro espólio que mostra a importância das influências culturais mediterrânicas<sup>58</sup> (figs. 22 e 26).

A peça referida (fig. 22, 4), foi encontrada num local de cremação, *bustum* ou *loculo*, conjunto 20, mede 0,20 m de diâmetro e 0,035 m de altura. Encontrava-se associada a outros dois pratos fabricados a torno, de cerâmica de cor cinzenta e a um fecho de cinturão de placas caladas com três garfos<sup>59</sup>. Outra peça do Galeado que tem paralelos no espólio do Medellín é o *nazm* de ouro, ali encontrado fora de contexto, talvez pertencente ao conjunto do *loculo* 9b e cujas dimensões (0,028 m de diâmetro e 0,002 m de espessura) são idênticas à daquela.

De uma urna do Cerro do Ouro (Ourique) provém um *nazm* de prata que se encontrava associado a contas de pasta vítrea de cor negra oculadas a branco, translúcidas de cor verde e castanha e a uma conta bitronco-cônica em pedra<sup>60</sup>.

Os *nazms* são peças bastante difundidas, de que se conhecem exemplares em Alcácer do Sal, Gades, Ibiza (Puig des Mulins, câmara n.º 14), Carmona, Peal del Becerro, Lora del Rio, Villaricos, Molar, Tânger e em outras estações da área circum-mediterrânea onde se fez sentir a influência do comércio fenício e grego<sup>61</sup>. Embora o processo de construção do fecho de todas estas peças seja idêntico, mostram o aro uniforme ou ligeiramente mais espesso a meio. O aro apresenta-se torcido a todo o seu comprimento apenas no Galeado e em algumas peças de Villaricos.

4.11. Da Necrópole do Cortijo de las Sombras (Frigiliana, Málaga), classificada como "fenícia", provém também um prato de verniz vermelho de forma semelhante e de dimensões idênticas ao do Galeado, com o mesmo bordo

<sup>58</sup> GORBEA, M. A., *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura* (Biblioteca Praehistorica Hispana, XIV), Madrid, 1977, 543 pp., 204 figs., LXXVIII ests., BLÁZQUEZ, J. M., *Tartessos y los orígenes de la colonización fenicia en Occidente*, 2.ª ed., Universidad de Salamanca, 1975, 441 pp., 99 figs., CLVI ests., pp. 413-416, fig. 98.

<sup>59</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 335-337, 131, est. LXXI - 1.

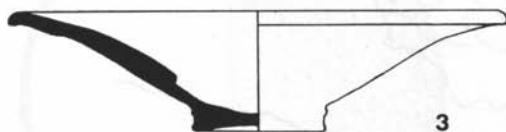
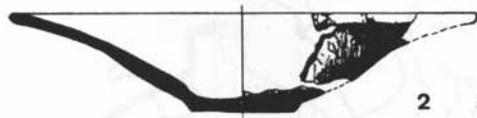
<sup>60</sup> BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V., *A Idade do Ferro no Sul de Portugal — Epigrafia e Cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1980, 33 pp., p. 27; BLANCO, A., *Orientalia II*, "Archivo Español de Arqueología" XXXIII, 1960, pp. 3-43.

<sup>61</sup> GORBEA, M. J. A., *Lote de objetos de oro de orfebrería gaditana*, Homenaje a García Bellido, I, "Revista de la Universidad Complutense", XXV, 101, 1979, pp. 31-43, 38, 42; GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 232, 347; ASTRUC, M., *op. cit.* (v. nota 55), pp. 173, ests. XV, XLI; IBÁÑEZ, J. J. S., *Excavaciones en la necrópolis del Molar* (Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, 107), Madrid, 1930, 19 pp., 20 ests., est. XVI; PONSICH, M., *Influences phéniciennes sur les populations rurales de la région de Tanger, Tartessos* "V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", Barcelona, pp. 176-184, 180, est. VII-3; ROMÁN, C., *Excavaciones en Ibiza, Memoria de los resultados obtenidos en las excavaciones practicadas en 1922* (Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades, 68), Madrid, 1922-23, 31 pp., IX ests., pp. 21-22, est. IX-A.

## FASE-3



## FASE-2



## FASE-1

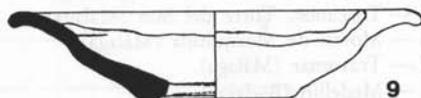


Fig. 22 — Necrópole de Medellín, pratos de verniz vermelho; 1 - conjunto 1 ( $\varnothing=0,21$  m); 2 - conjunto 3 ( $\varnothing=0,195$  m); 3 - conjunto 2 ( $\varnothing=0,19$  m); 4 - conjunto 20 ( $\varnothing=0,20$  m); 5 - conjunto 22 ( $\varnothing=0,19$  m); 6, 7 e 8 - Corte do Poço ( $\varnothing=0,18$  m;  $\varnothing=0,20$  m e  $\varnothing=0,20$  m); 9 - nível arqueológico ( $\varnothing=0,15$  m). (Segundo Almagro, Gorbea, 1969, 1977, 405-406).

largo, a zona central profunda e semiesférica e o perfil sinuoso. Este prato poderia ter servido como tampa de urna e foi encontrado solto, conjuntamente com outro também de verniz vermelho e uma pátera de cerâmica cinzenta <sup>62</sup> (fig. 24, 35).

A sepultura 14 desta necrópole ofereceu uma urna com fecho hermético e com tampa de orelhetas perfuradas (235-236, 17); uma outra encontrada na sepultura 2, também com a tampa biselada, hermética, com botão terminal cuja

<sup>62</sup> ARRIBAS, A.; WILKINS, J., *La necrópolis fenícia del Cortijo de Las Sombras (Frigiliana, Málaga)*, "Pyrenae", V, 1969, pp. 184-244, XII ests., pp. 238-240, 18; BLÁZQUEZ, J. M. *op. cit.* (v. nota 58), pp. 348, fig. 55.

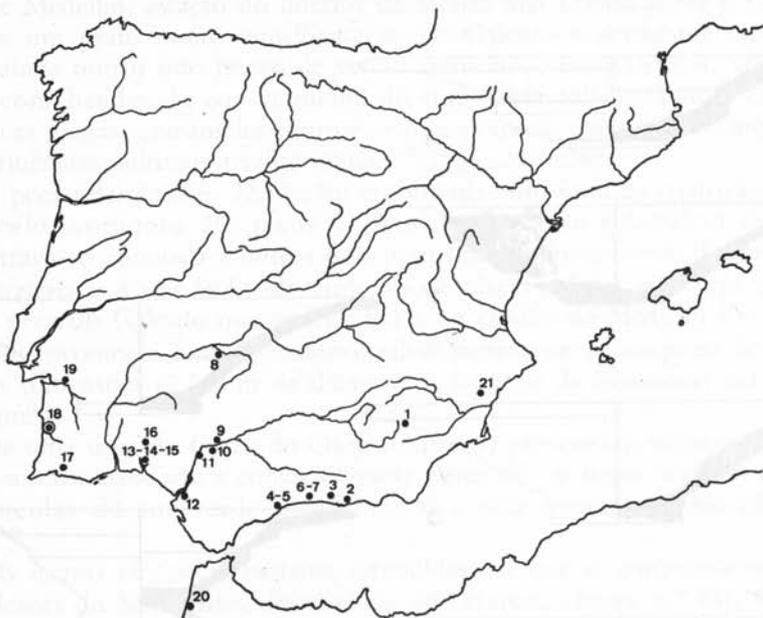


Fig. 23 — Estações com pratos de verniz vermelho de bordo largo e horizontal. (A localização é aproximada):

- |  |   |
|--|---|
| 1 — Cerro del Real Galera (Granada).               | 11 — Carambolo Bajo (Sevilha).                    |
| 2 — Laurita, San Cristóbal de Almuñecar (Granada). | 12 — Mesas de Asta, Jerez de la Frontera (Cádiz). |
| 3 — Cortijo de las Sombras, Frigiliana (Málaga).   | 13 — La Joya (Huelva).                            |
| 4 — El Jardín, Torre del Mar (Málaga).             | 14 — Cabezo de San Pedro (Huelva).                |
| 5 — Toscaños, Torre del Mar (Málaga).              | 15 — Cabezo de la Esperanza (Huelva).             |
| 6 — Morro de Mezquitilla (Málaga).                 | 16 — Río Tinto (Huelva).                          |
| 7 — Trayamar (Málaga).                             | 17 — Rocha Branca, Silves (Faro).                 |
| 8 — Medellín (Badajoz).                            | 18 — Galeado, Vila Nova de Milfontes (Beja).      |
| 9 — Cruz del Negro (Sevilha).                      | 19 — Alcácer do Sal (Setúbal).                    |
| 10 — Carmona (Sevilha).                            | 20 — Lixus.                                       |
|  | 21 — Peña Negra, Crevillente (Alicante).          |

superfície exterior foi envernizada de cor castanha e brunida até cerca de três centímetros de base, deixando idêntica reserva à da urna 3 do Galeado (fig. 24, 1 e 2). Nesta urna encontrou-se uma fíbula de dupla mola (p. 192, fig. 3, 219-220). O restante material do Cortijo de las Sombras é variado e inclui urnas altas, globulares, de boca larga, com asas junto ao bordo, fundo côncavo com ônfalo, pintadas com faixas paralelas horizontais, motivos estelares e grandes espirais, assim como braceletes, uma ponta de ferro, um escaravelho de pasta vítrea engastado num anel de prata, um fecho de cinturão, argolas, um pendente de xorca de bronze, etc. ...

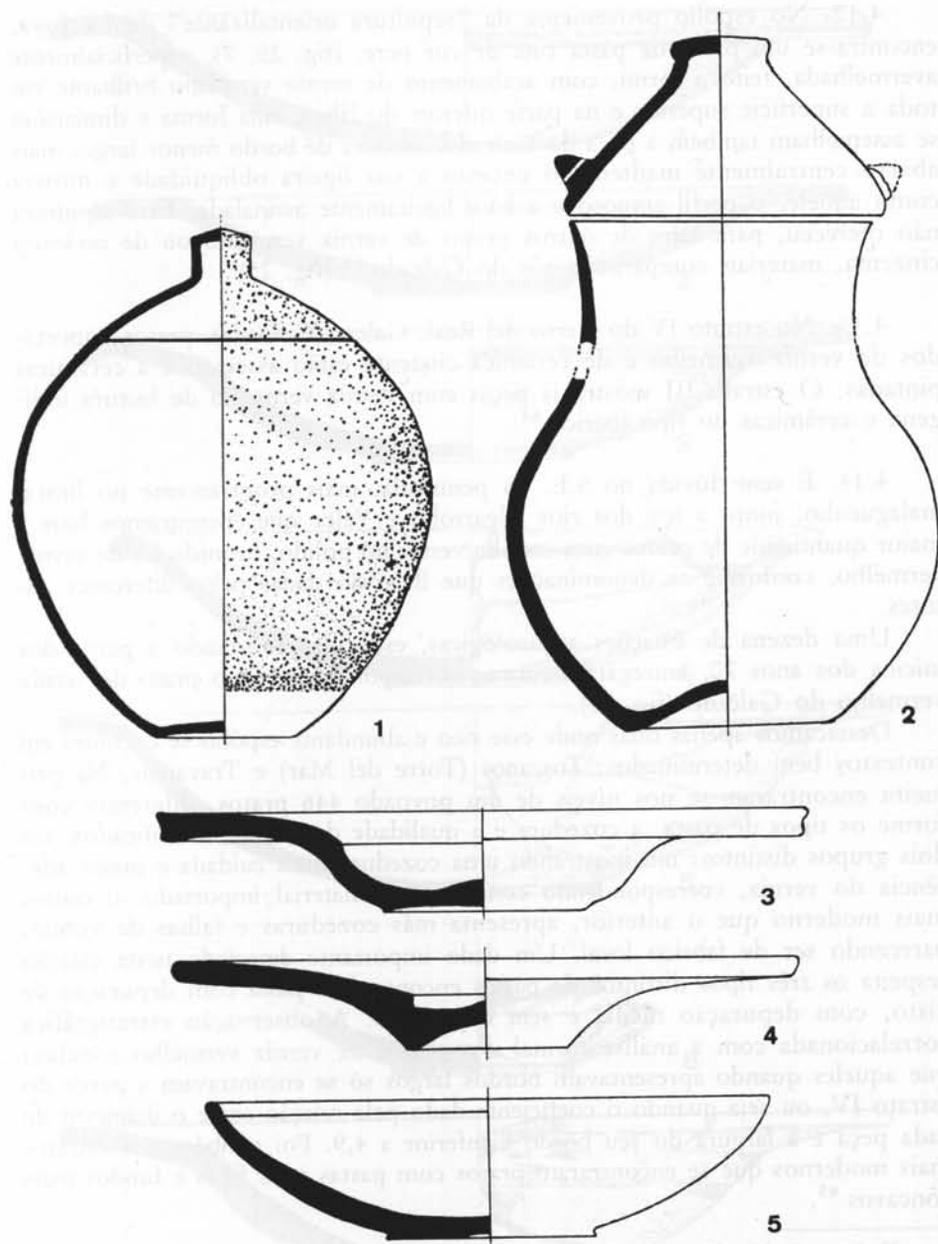


Fig. 24 — Necrópole do Cortijo de las Sombras; 1 - sepultura 2 ( $h=0,275$  m); 2 - sepultura 14 ( $h=0,25$  m); 3, 4 e 5 - área 16 ( $\varnothing=0,19$  m,  $\varnothing=0,19$  m e  $\varnothing=0,17$  m). (Segundo Arribas e Wilkins, 1969, 193, 236 e 238).

4.12. No espólio proveniente da “sepultura orientalizante” de La Joya, encontra-se um prato de pasta fina de cor ocre, (fig. 25, 7), superficialmente avermelhada, feito a torno, com acabamento de verniz vermelho brilhante em toda a superfície superior e na parte inferior do lábio, cuja forma e dimensões se assemelham também à peça do Galeado, embora de bordo menos largo, mais aberto centralmente mantém no entanto a sua ligeira obliquidade e mostra como aquele, o perfil sinuoso e a base ligeiramente assinalada. Esta sepultura não ofereceu, para além de outros pratos de verniz vermelho ou de cerâmica cinzenta, materiais comparáveis aos do Galeado <sup>63</sup> (fig. 25).

4.13. No estrato IV do Cerro del Real, Galera (Granada), pratos importados de verniz vermelho e de cerâmica cinzenta estão associados a cerâmicas pintadas. O estrato III mostra já peças com verniz vermelho de factura indígena e cerâmicas do tipo ibérico <sup>64</sup>.

4.14. É sem dúvida no S.E. da península, mais propriamente no litoral malaguenho, junto à foz dos rios Algarrobo e Vélez que encontramos hoje a maior quantidade de pratos com engobe vermelho polido, brunido ou de verniz vermelho, conforme as denominações que lhes são dadas pelos diferentes autores.

Uma dezena de estações arqueológicas, escavadas sobretudo a partir dos inícios dos anos 70, entregaram formas correspondentes à do prato de verniz vermelho do Galeado (fig. 23).

Destacamos apenas duas onde esse rico e abundante espólio se encontra em contextos bem determinados: Toscanos (Torre del Mar) e Trayamar. Na primeira encontraram-se nos níveis de um povoado 446 pratos, diferentes conforme os tipos de pasta, a cozedura e a qualidade do verniz, classificados, em dois grupos distintos: um mostrando uma cozedura mais cuidada e maior aderência do verniz, correspondendo certamente a material importado; o outro, mais moderno que o anterior, apresenta más cozeduras e falhas de verniz, parecendo ser de fabrico local. Um dado importante detectado nesta estação respeita os três tipos distintos de pastas encontrados: pasta com depuração de xisto, com depuração média e sem depuração. A observação estratigráfica correlacionada com a análise formal dos pratos de verniz vermelho concluiu que aqueles quando apresentavam bordos largos só se encontravam a partir do estrato IV, ou seja quando o coeficiente dado pela relação entre o diâmetro de cada peça e a largura do seu bordo é inferior a 4,9. Foi também nos estratos mais modernos que se encontraram pratos com pastas mais finas e fundos mais côncavos <sup>65</sup>.

<sup>63</sup> ORTA, E. M.; GARRIDO, J. P., *La tumba orientalizante de “La Joya”, Huelva*, “Trabajos de Prehistoria”, XI, 1963, 36 pp., 18 figs., VII, ests. 16-19, figs. 6-8; BLÁZQUEZ, J. M., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 177-178, 46.

<sup>64</sup> PELLICER, M.; SCHÜLLE, W., *El Cerro del Real (Galera, Granada). El corte estratigráfico IX*, (Excavaciones Arqueológicas en España, 52), 1966.

<sup>65</sup> SCHUBART, H.; NIEMEYER, H. G.; PELLICER, M., *Toscanos, cerca de Torre del Mar (Vélez — Málaga)* (Excavaciones Arqueológicas en España, 66), 1969, 156 pp., 8+16 desenhos e XLVIII ests., pp. 104-106.

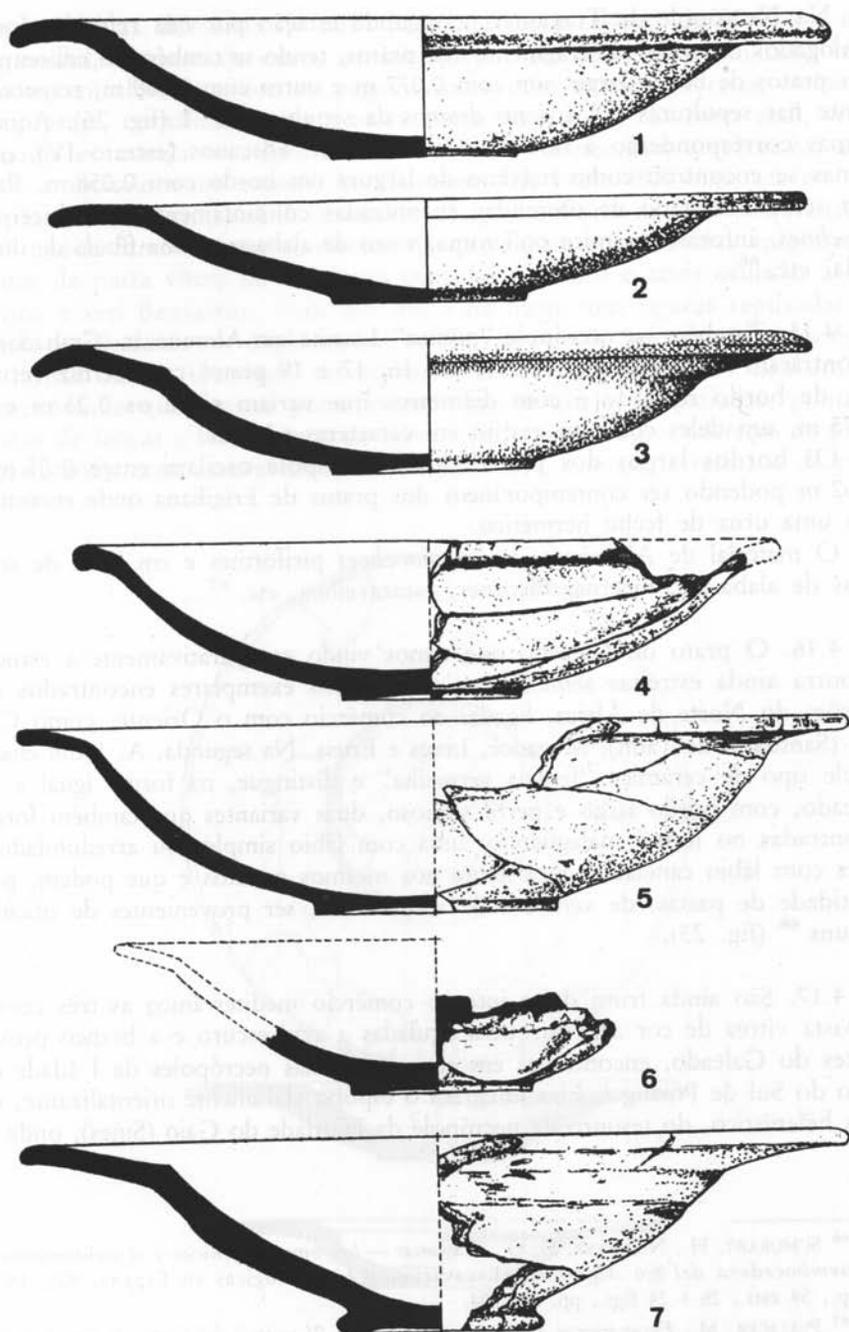


Fig. 25 — Necrópole de La Joya, túmulo orientalizante; 1 -  $\varnothing=0,27$  m; 2 -  $\varnothing=0,26$  m; 3 -  $\varnothing=0,27$  m; 4 -  $\varnothing=0,255$  m; 5 -  $\varnothing=0,295$  m; 6 -  $\varnothing=0,25$  m (?); 7 -  $\varnothing=0,205$  m. (Segundo E. M. Orta e J. P. Garrido, 1963, 17-19).

Na Necrópole de Trayamar, a segunda estação por nós referida, foram catalogados cerca de 400 fragmentos de pratos, tendo-se também ali encontrado dois pratos de bordo largo, um com 0,077 m e outro com 0,069 m, respectivamente nas sepulturas n.º 4 e no *dromos* da sepultura n.º 1 (fig. 26). Aquelas formas corresponderão à fase mais moderna de Toscanos (estrato IV), onde apenas se encontrou como máximo de largura um bordo com 0,058 m. Parecem ser o resultado de oferendas encontradas conjuntamente com lucernas, *oinochoes*, ânforas, cerâmica policroma, vasos de alabastro, uma fíbula de dupla mola, etc. <sup>66</sup>...

4.15. Também na necrópole “púnica” Laurita em Almuñecar (Granada) se encontraram nas sepulturas 12, 13, 15, 16, 17 e 19 pratos com verniz vermelho, de bordo revirado e com diâmetros que variam entre os 0,25 m e os 0,275 m, um deles com um grafito em caracteres púnicos.

Os bordos largos dos pratos desta necrópole oscilam entre 0,05 m e 0,062 m podendo ser contemporâneos dos pratos de Frigiliana onde encontramos uma urna de fecho hermético.

O material de Almuñecar inclui *oinochoes* piriformes e em boca de seta, vasos de alabastro, lucernas bicornes, escaravelhos, etc. <sup>67</sup>...

4.16. O prato do Galeado que temos vindo comparativamente a estudar encontra ainda estreitas semelhanças com alguns exemplares encontrados em estações do Norte de África, ligadas ao comércio com o Oriente, como Cartago (Santuário de Tanit), Mogador, Lixus e Erusa. Na segunda, A. Jodin chama àquele tipo de cerâmica “fenícia vermelha” e distingue, na forma igual à do Galeado, com bordo largo e perfil sinuoso, duas variantes que também foram encontradas no litoral malaguenho: uma com lábio simples ou arredondado e outra com lábio canelado, coexistente nos mesmos estratos e que podem, pela identidade de pastas, de verniz e de acabamento, ser provenientes de oficinas comuns <sup>68</sup> (fig. 23).

4.17. São ainda fruto deste intenso comércio mediterrânico as três contas de pasta vítrea de cor azul turquesa oculadas a azul-escuro e a branco provenientes do Galeado, encontradas em abundância nas necrópoles da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. Elas integram o espólio claramente orientalizante, ou antes helenístico, do tesouro da necrópole da Herdade do Gaio (Sines), onde se

<sup>66</sup> SCHUBART, H.; NIEMEYER, H. G., *Trayamar — Los hipogeos fenicios y el asentamiento en la desembocadura del rio Algarrobo* (Excavaciones Arqueológicas en España, 90), 1976, 250 pp., 54 ests., 26 + 24 figs., pp. 201-204.

<sup>67</sup> PELLICER, M., *Excavaciones en la necrópolis púnica “Laurita” del Cerro de San Cristóbal (Almuñecar, Granada)* (Excavaciones Arqueológicas en España, 17), 1963, 66 pp., 35 figs., XX ests., pp. 20-42; PELLICER, M., *Primitivas cerámicas a torno pintadas*, “Archivo Español de Arqueología” 40, 1967; BLÁZQUEZ, J. M., *op. cit.* (v. nota 58), p. 176.

<sup>68</sup> JODIN, A., *Mogador, Comptoir phénicien du Maroc Atlantique* (Études et Travaux d’Archéologie Marocaine, II), Rabat, 1966, 211 pp., 34 figs. LIV ests., pp. 79-81, ests. XXII.

destacam duas arrecadas de ouro decoradas com cabeças de *Hathor* e uma gargantilha, também de ouro, constituída por dezasseis peças moldadas mostrando centralmente grifos ou pégasos sobre duas palmetas abertas, contas de ouro, prata, cornalina, resina e pasta vítrea translúcida, nas cores azul, verde, castanha e amarela ou negra opaca, oculadas a branco, um *amphoriskos* azul, verde e amarelo e um escaravelho (Tutmosis III, 1504-1480) engastado em anel de prata; nas Necrópoles de Bensafrim (Lagos) e Corte de Père Jacques (Aljezur) encontramolas em contextos de que fazem parte estelas epigrafadas, contas de pasta vítrea de cor negra oculadas a branco e azuis oculadas a azul escuro e em Bensafrim, com um disco de ouro com figuras repuxadas em forma de pendente em dupla espiral de clara inspiração helénica. Na Necrópole da Fonte Santa (Ourique) encontraram-se outros exemplares também em contextos de que faziam parte essencialmente estelas epigrafadas, pontas e contos de lanças e facas curvas de ferro, um botão de ouro, adereços de prata, quatro anéis com escaravelhos, fíbulas anulares, contas de resina e de pasta

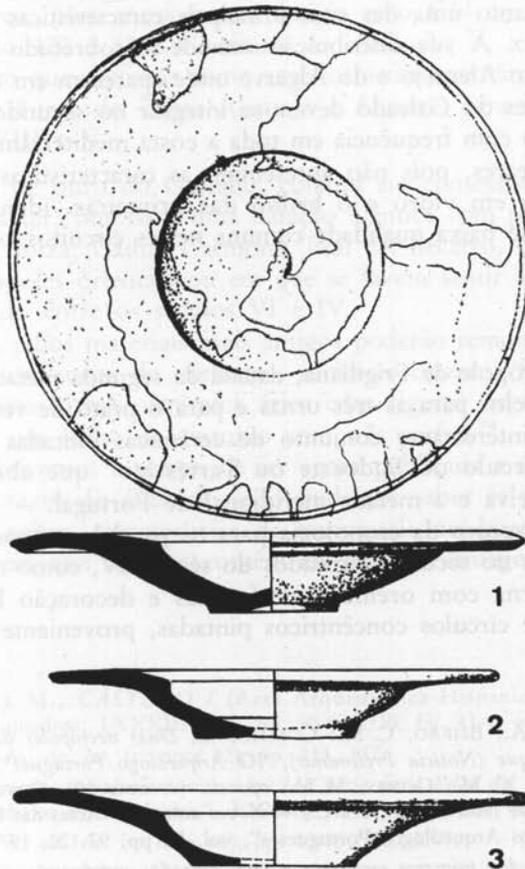


Fig. 26 — Necrópole de Trayamar, sepultura 4; 1 -  $\text{Ø}=0,262$  m; 2 -  $\text{Ø}=0,228$  m; 3 -  $\text{Ø}=0,263$  m. (Segundo Schubart e Niemeyer, 1976, ests. 18, 21 e 23).

vítrea de cor azul ou de cor negra, oculadas a branco, vasos cerâmicos, etc. ... (fig. 16, 1).

Numa outra necrópole, a Mealha-Nova, encontraram-se conjuntamente com contas de pasta vítrea de cor negra oculadas a branco, contas de xorca tipo "sanguessuga", pontas e contos de lança e um fragmento de faca afalcatada de ferro, estelas epigrafadas, anel de prata com escaravelho (Petubaste, 817-763), braçletes com os terminais em cabeça de ofídeo e taças de cerâmica.<sup>69</sup>

Todas estas contas oculadas de pasta vítrea azul que referimos pertencem a um mesmo tipo de aspecto muito brilhante, rico em vidrado, de cores fortes incluídas na pasta, bem diferentes de outras, encontradas nas estações da II Idade do Ferro (Azougada, Cabeço de Vaiamonte, Baleares), geralmente de cor azul parda ou azul acinzentada clara, sem brilho, ou pouco brilhantes e em que os efeitos oculados parecem mais pintados sobre a superfície da conta que o resultado de um processo de fabrico que integra pastas vítreas de colorações diferentes (fig. 16).

A cor das contas oculadas azuis da I Idade do Ferro pode variar um pouco entre o azul ultramar e o azul turquesa até quase um tom de verde mar, mantendo no entanto uma das suas principais características que referimos, o seu brilho intenso. A sua distribuição estende-se sobretudo às necrópoles de inumação do Baixo Alentejo e do Algarve onde aparecem em maiores quantidades. Os exemplares do Galeado devem-se integrar no segundo grupo que referimos, encontrado com frequência em toda a costa mediterrânica da Península e que inclui as Baleares, pois não apresentam as características de qualidade de pasta e a riqueza em vidro e o brilho das primeiras, identificando-se com outros produtos de baixa qualidade comuns nestes circuitos comerciais a partir do século VI a.C.

## 5. Cronologia

5.1. Na Necrópole de Frigiliana, datada da segunda metade do século VII, encontrámos paralelos para as três urnas e para o prato de verniz vermelho do Galeado. O seu interessante conjunto de cerâmicas pintadas foi incluído por Pellicer<sup>70</sup> no "círculo do Sudoeste ou Tartéssico" que abrangeria o Baixo Guadalquivir, Huelva e a metade meridional de Portugal.

No extremo oposto da cronologia para os paralelos encontrados, temos as datações dos finais do século V, meados do século IV, como a atribuída por J. M. Blásquez à urna com orelhetas perfuradas e decoração barroquizante de bandas e faixas de círculos concêntricos pintadas, proveniente do túmulo XIV

<sup>69</sup> DIAS, M. M. A.; BEIRÃO, C. M.; COELHO, L., *Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia Preliminar)*, "O Arqueólogo Português", III Série, 4, 1970, pp. 175-219; BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V., *op. cit.* (v. nota 60). COSTA, J. M., *O tesouro púnico-tartéssico de Gaio (Sines) (séc. VI a.C.) — Novos achados*, "Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses", vol. II, pp. 97-120, 1974, Lisboa.

<sup>70</sup> PELLICER, M., *Las primeras cerámicas a torno pintadas andaluzas y sus problemas*, "Tartessos, y sus problemas, V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular", Barcelona, 1969, pp. 291-310, pp. 293-294.

da Necrópole de Los Patos em Cástulo. Nesta necrópole apareceram ainda pratos e outras cerâmicas de verniz vermelho, cerâmica cinzenta fina, cerâmicas gregas e ibéricas, num meio cultural rico, dependente da exploração de reservas minerais, sobretudo de prata e que podia suportar trocas comerciais com o exterior <sup>71</sup>.

5.2. Datação idêntica foi proposta para a urna de orelhetas da Necrópole de Las Madrigueras, proveniente do túmulo III, estrato II, acompanhada de uma taça de cerâmica cinzenta, objecto que tal como as contas de pasta vítrea oculadas, também ali encontradas, revestem naquele contexto aspectos exógenos e raros, que terão chegado com atraso em relação ao seu aparecimento nas estações do litoral. As contas encontradas na sepultura LXII, assim como uma das peças de verniz vermelho, pertencem ao estrato I, datado dos séculos IV-III <sup>72</sup>.

5.3. As contas de pasta vítrea de cor azul oculadas foram encontradas em contextos de cronologia mais antiga como Villaricos, cujos materiais mais recuados remontam ao século VI ou em contextos mais recentes como San Maimo em Maiorca, num monumento datado pelo C14 em  $2.370 \pm 50$  B.P. (QL-144), portanto  $420 \pm 50$  A.C. (finais do século V) <sup>73</sup>, e ainda em grande abundância, se bem que distintas como anteriormente apontámos, nas necrópoles da I Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Algarve, genericamente situadas entre os séculos VIII e V.

5.4. O *nazm* de ouro do Galeado, comum em contextos semelhantes aos das contas, poderá ter, por isso, uma datação idêntica com paralelos encontrados em Villaricos, Ibiza, Cádiz, Carmona, Peal del Becerro, Cora del Rio e El Molar e em necrópoles orientais ou em que se fazem sentir as suas influências até tarde, sobretudo entre os séculos VI e IV.

De El Molar, cujos materiais mais antigos poderão remontar ao século VI, procede também uma urna de orelhetas, cerâmica cinzenta fina, um *arybalos* reticulado, em pasta vítrea, cerâmica ática com figuras negras, escaravinhos, fibulas anulares e um fecho de cinturão com três garfos <sup>74</sup>.

Como não obtivemos a tempo de ser agora publicada a análise à composição do ouro do *nazm* do Galeado, não pudemos saber se se trataria de um tipo de liga sem cobre, característica da ourivesaria pré-histórica ou antes de influência fenícia em que as ligas contêm elevadas percentagens de outros metais <sup>75</sup>.

<sup>71</sup> BLÁZQUEZ, J. M., *CÁSTULO I* (Acta Arqueológica Hispanica, 8), Madrid 1975, 334 pp., 188 figs., 7 quadros, LXXXIII ests., pp. 90-94, 230, fig. 41-1, est. IX-1.

<sup>72</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 213, 137.

<sup>73</sup> VINY, C., *Apuntes complementarios sobre la Cueva de la Edad del Hierro de Son Maimo, Petra (Mallorca)*, "Trabajos de Prehistoria", XXXIV, 1977, pp. 111-164, pp. 151, 154.

<sup>74</sup> IBAÑEZ, J. J. S., *op. cit.* (v. nota 61), pp. 13-16, XIII-XVI.

<sup>75</sup> SCHUBART, H.; NIEMEYER, H. G., *op. cit.* (v. nota 66), pp. 240-246; HARTMANN, A.; KALB, P., *Investigaciones espectro-analíticas sobre hallazgos hispánicos de oro*, "Archivo de Prehistoria Levantina", XII, pp. 93-98.

5.5. Voltando às urnas de Buenache de Alarcón, onde encontramos paralelos com o Galeado, cerâmica cinzenta e fibulas anulares, constituindo um conjunto datável dos séculos V-IV, comparável ao espólio de algumas das sepulturas já citadas de Las Madrigueras, não encontramos elementos que possam recuar àquela atribuição cronológica.

5.6. As urnas de orelhetas perfuradas de La Solivella, onde a urna 2 do Galeado encontrou paralelos próximos nas urnas 18 e 19 recolhidas em superfície e nas urnas das sepulturas 3 e 15, que foram datadas do último quartel do século V (c. de 430/425), mas que poderão, possivelmente suportar uma cronologia um pouco mais recuada, talvez no século VI, atendendo ao contexto de pelo menos algumas sepulturas, que incluem fibulas de dupla mola, de mola bilateral e anulares, estas totalizando 20 %, assim como um escaravelho de Psamético I.

As urnas de La Solivella mostram, no seu conjunto, tanto nas formas onde encontramos tampas com botão de disco largo, como nas decorações em que as faixas estreitas alternam com largas ou exibindo motivos circulares, sinusoidais e linhas entrecruzadas, um aspecto barroco que a simplicidade formal e decorativa da peça do Galeado não assume. Esta distinção poderia sustentar uma datação algo mais recuada para as peças mais simples, visto as tendências barroquizantes ocorrerem mais tardiamente, embora reproduzindo formas e decorações importadas do século VIII (Carambolo), mas que culminam na “fantasia ibérica” como lhe chamou Pellicer <sup>76</sup>.

5.7. As urnas de orelhetas perfuradas de Toya têm sido também datadas do século V e incluídas tanto na fase proto-ibérica, datada dos séculos VI a meados do século V como na “ibérica antiga” que parte do século V e preenche todo o século IV <sup>77</sup>. À primeira fase pertenceria, em termos culturais, a Necrópole do Galeado, confrontando-se ali os materiais importados, como as urnas 2 e 3, o prato de verniz vermelho, o fragmento de cerâmica cinzenta fina, as contas oculadas e o *nazm*, com outros de execução local, como a urna 1 fabricada ainda sem torno.

5.8. Esta diferença é tanto mais importante quanto a cerâmica fabricada sem torno é a mais representada nos estratos mais antigos (III e IV) de Las Madrigueras, datados respectivamente dos séculos V e VI.

O estrato II, onde se encontravam a urna de orelhetas perfuradas e um vaso com decoração pintada de tipo hallstático, marca, nesta estação, o aparecimento da cerâmica fabricada a torno.

É, ao que parece, esta grande inovação técnica, traduzida ainda pelo aparecimento de novos tipos de materiais vindos das áreas meridionais, que leva Almagro Gorbea a definir para Las Madrigueras dois horizontes: Carrascosa II e Carrascosa I; o primeiro, mais moderno, inclui os estratos I e II de meados do século III aos inícios do V e o segundo, estratos III e IV, sem cerâmica

<sup>76</sup> PELLICER, M., *op. cit.* (v. nota 70), pp. 54-55, 310.

<sup>77</sup> SIESO, J. P., *op. cit.* (v. nota 31), p. 337.

fabricada a torno, desde esta data até às proximidades dos finais do século VI <sup>78</sup>.

Vimos que nas Necrópoles de Buenache de Alarcón e de La Solivella a totalidade das cerâmicas era fabricada a torno, o que não acontece no Galeado, onde a urna 1 (a que se encontra completamente inteira e que talvez contivesse o *nazm*, as contas oculadas e a maior parte do espólio osteológico), foi fabricada localmente, sem torno, imitando talvez modelos importados como nos revela a sua forma bem globular com bordo extrovertido e ônfalo. A peça referida de Chibanes encontra-se numa situação idêntica, sendo talvez a reprodução de uma outra importada, confirmando-se pela sua existência num povoado perto da foz do Sado e do mar, onde se encontraram espólios que incluem peças exógenas. No nível VII de Ullastret, perto de Ampurias, encontrou-se também uma urna de orelhetas não perfuradas, fabricada sem torno, que parece ser uma cópia de uma urna de orelhetas perfuradas, talvez dos finais do século VI <sup>79</sup>.

5.9. As urnas de orelhetas perfuradas de Peal del Becerro (Tugia) são datadas do século V, tal como a peça congénere da sepultura 70 da Necrópole de Hoya de Santa Ana, barroquizante, com orelhetas sobre as asas, com bandas largas rodeadas por outras estreitas e faixas de círculos concêntricos junto ao bordo, encontrada com outros materiais, alguns datáveis do século VI, cerâmicas pintadas, *oinochoe* de boca trilobada, *arybalos*, dois touros de barro e urna de cerâmica cinzenta impressa, proveniente da sepultura 77, paralelo algo raro para o fragmento do Galeado <sup>80</sup>.

5.10. Da Necrópole de El Jardín, Torre del Mar, provém também uma urna de orelhetas perfuradas, pintada com bandas, assim como pratos de verniz vermelho a que podemos atribuir uma datação do século VI-V <sup>81</sup>.

5.11. Datação idêntica serve à Necrópole de Oriola (Amposta), onde aquela forma cerâmica acompanha fechos de cinturão com três garfos, facas afalcatadas e fíbulas anulares de pé alto <sup>82</sup>.

5.12. O povoado de La Peña Negra, Crevillente (Alicante), recentemente escavado, forneceu entre outro material fragmentos de urnas de orelhetas perfuradas provenientes do corte III, nível I, pertencentes ao Horizonte II da estação. Foi conseguida uma datação de C14, do século VIII (740 A.C.) para o

<sup>78</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 143-145.

<sup>79</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 34), p. 113.

<sup>80</sup> JIMENEZ, J. S., *Excavaciones y trabajos arqueológicos en la provincia de Albacete, de 1942 a 1946* (Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas, Informes y Memorias, 15), Madrid, 1947, 127 pp., 5 figs., LXXVII ests.

<sup>81</sup> MALAX-ECHEVERRIA, A. L., *La Necrópolis Púnica "El Jardín" — Torre del Mar (Málaga)*, "Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología, 1973", Zaragoza, 1975, pp. 795-808, 796. SCHUBART, H., *Jardín, informe preliminar de 1976 en la necrópolis de los siglos VI-V a.C.*, "Noticiário Arqueológico Hispanico", 6, 1979, pp. 153-173.

<sup>82</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 33), p. 311.

Horizonte Cultural I, caracterizado pela existência de cerâmica fabricada sem torno, algumas com incrustações, outras com pintura, cuja tipologia segundo Prats<sup>83</sup> é de tradição do Hallstatt B e C. O Horizonte II, apenas com cerâmicas fabricadas ao torno, terá durado dos inícios do século VI até ao seu final, momento a que corresponde o abandono do Sector I da estação. É desta época a ocultação de um pequeno tesouro constituído por um anel e fragmentos de diadema, de ouro, dois colares com pendentes de prata, contas de pasta vítrea de cor amarela, um amuleto em forma de falcão, seis escarvelhos de faiança, pinças de bronze e uma pequena faca afalcatada de ferro, confirmando a datação no século VII-VI a.C.<sup>84</sup> Nesta estação encontraram-se fragmentos de pratos de verniz vermelho, de corpo carenado e de bordo largo, tipo B 40 de Prats, pertencentes ao Horizonte II<sup>85</sup>.

5.13. Os materiais da Necrópole de Can Canyis (Banyeres) situam-se cronologicamente entre os séculos VI a meados do IV.

A Necrópole da Muralha N.E. de Ampurias terá, segundo Almagro, de ser anterior à segunda metade do século V (c. de 450 a.C.), e tal como Can Canyis mostra estreitas afinidades culturais com a I Idade do Ferro do Languedoc. Nas Necrópoles de Grand Bassin, Cayla e La Monédière onde se fizeram sentir de forma muito marcada as relações comerciais mediterrânicas, fenícias, gregas e etruscas, os seus espólios, muito homogêneos, puderam ser datados do século VI pleno. A proximidade geográfica destas estações do Golfo de Leão com as estações da costa N.E. da área levantina da península contribuiu para a criação de grandes semelhanças contextuais entre si, apresentando-se bastante diferentes das estações tanto do S.E. como do S.W., apesar de terem uma mesma situação cronológica e de apresentarem muitos artefactos semelhantes como as urnas de orelhetas, os pratos de verniz vermelho, urnas de formas ovóides, abundantes cerâmicas pintadas, cerâmicas cinzentas, fechos de cinturão de um só garfó ou múltiplos, etc. ...

Aquele facto parece dever-se não só a causas geográficas e culturais regionalizantes, como aos diversos tipos de comércio cuja proveniência e valores de troca seriam variados, consoante as regiões e o tipo de clientela que forneciam.

A cerâmica pintada de tipo "ibérico" do Sul da França que mostra semelhanças notáveis com a da Península Ibérica enquadra este fenómeno que parece dever-se a uma mesma informação exterior depois desenvolvida paralelamente em diferentes regiões<sup>86</sup>.

5.14. Bosch classificou as urnas de orelhetas perfuradas no seu período post-hallstático no que foi seguido depois pela maior parte dos autores que as

<sup>83</sup> PRATS, A. G., *op. cit.* (v. nota 31), pp. 163-164.

<sup>84</sup> PRATS, A. G., *op. cit.* (v. nota 31), pp. 151-157, 163-165.

<sup>85</sup> PRATS, A. G., *La tipologia cerámica del horizonte II de Crevillente*, "Saguntum", XIV, 1979, pp. 59-92, 67.

<sup>86</sup> JULLY, J. J., *Éléments d'étude comparatif de la poterie peinte de type iberique dans le Sud de la Celtique et de la poterie iberique de la Péninsule Iberique*, "Actas del VII Congreso Nacional de Arqueología, Barcelona, 1961", 1962, pp. 287-303.

consideraram de origem “céltica”. É ainda Bosch que afirma referindo-se às cerâmicas ibéricas: “*Las importaciones ibéricas portuguesas, pues, confirmarían que la cerámica andaluza comienza muy pronto, por lo menos en la transición del siglo VI al V*”, para concluir depois “*si llegamos algún día a conocer mejor la arqueología griega del tiempo de la thalassocracia será más fácil encontrar una explicación de los orígenes del arte ibérico en general y de la cerámica en particular*”<sup>87</sup>.

Fletcher<sup>88</sup> aponta como origem das urnas com orelhetas perfuradas o Mediterrâneo Oriental e Central sem entrar em maiores especificações, datando-as do século V. Esta atribuição parece-nos dever-se por um lado às datações anteriores que seguiam sobretudo as sínteses de Bosch e por outro às evidências de datações mais antigas, mostradas em artefactos importados de clara origem oriental em cujos contextos se encontravam associadas, mas que não poderiam atingir, naquele momento, datas anteriores ao século V a.C. Para Jully e Nordström a parte oriental da Península Ibérica e o litoral do Languedoc serão a área de dispersão, coincidente com a área de maior intensidade do comércio helénico, fenício e púnico, das urnas de orelhetas perfuradas, que conhecem paralelos sobretudo em pequenos vasos da África do Norte (Salammbô, séculos VII-VI), da Sardenha (Nora), da Grécia (em Atenas nas necrópoles do Agora, século X e Kerameikos, séculos XI-X) e na Argólida em Berbati (séculos IX-VIII) e Thera, de Chipre (Chipro-arcaico I, 650-400 a.C.) e de Tróia (século VIII). A urna pintada com orelhetas de Villaricos (sep. 377) encontraria paralelos próximos nas decorações de *bichrome ware* de Chipre (700-600 a.C.). Estes protótipos terão tido uma duração curta, contrariamente ao que aconteceu na Península Ibérica, onde foram mais frequentemente encontradas em necrópoles, mostrando uma evidente preferência funerária sendo utilizadas como urnas cinerárias durante cerca de quatro séculos<sup>89</sup>.

5.15. Podemos, pois, com relativa segurança, a partir dos dados estudados, situar a urna de orelhetas do Galeado, atendendo sobretudo à sua forma e decoração pouco evolucionadas, encontrada numa estação perto da costa, num meio que consideramos exógeno, importada de qualquer local ainda desconhecido do Mediterrâneo, quicá de algum atelier da costa levantina da Península, nos finais do século VI a.C.

Atributos como o botão terminal, de forma pouco acentuada, a perfuração suplementar na tampa e a existência de apenas um par de orelhetas pequenas tronco-piramidais, aproximam-na como vimos das formas das tampas de Ampurias, datadas do século VI pleno, sustentando em relação à maioria dos outros exemplares conhecidos, uma datação possivelmente mais recuada que

<sup>87</sup> BOSCH, P., *op. cit.* (v. nota 24), pp. 25, 91.

<sup>88</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 33).

<sup>89</sup> JULLY, J. J.; NORDSTRÖM, S., *op. cit.* (v. nota 34), pp. 106, 119-124; BLÁZQUEZ, J. M., *op. cit.* (v. nota 58), p. 234. As urnas de orelhetas de que se encontraram fragmentos em Garvão e em grutas da área levantina, assumem naqueles contextos manifesto carácter votivo. PÉREZ, J. A., *El culto en cuevas de la region Valenciana*, Homenaje a García Bellido, vol. I, “Revista de la Universidad Complutense de Madrid, XXV, 101, 1976, pp. 9-30.

será testada pelas evidências cronológicas fornecidas pelos restantes materiais da necrópole.

5.16. Pela grande quantidade de paralelos encontrados em contextos bem determinados, o prato de verniz vermelho poderá ajudar a precisar aquela atribuição cronológica e cultural. O paralelo encontrado em Medellín, associado a dois pratos de cerâmica cinzenta, fabricados a torno, num *bustum*, o conjunto 20, pertencente à fase 2 da necrópole, foi datado pelo C14 em  $530 \pm 110$  A.C. (CSIC-51) e em  $470 \pm 35$  A.C. (GrN-6170), portanto entre a segunda metade do século VI a.C. e o primeiro quartel do século V a.C. (550-500/475 a.C.)<sup>90</sup>.

Uma datação semelhante terão os outros dois pratos de verniz vermelho importados, também pertencentes à fase 2 da necrópole, provenientes dos conjuntos 3 e 12, datados pelo C14 respectivamente em  $500 \pm 110$  A.C. (CSIC-49),  $490 \pm 110$  A.C. (CSIC-35) e  $540 \pm 110$  A.C. (CSIC-87). O conjunto 3 forneceu três taças de cerâmica cinzenta<sup>91</sup>. Aquela forma encontra-se ainda em Medellín fazendo parte do *silicernium* ou conjunto de oferendas 1.1, numa peça com 0,21 m de diâmetro, com um bordo curvo e largo de 0,063 m, pertencente à fase 3 da necrópole, já do século V<sup>92</sup>. A fase 1 da Necrópole de Medellín, a mais antiga, datada da segunda metade do século VII inícios do século VI a.C., ofereceu uma fíbula de dupla mola, um fecho de cinturão de placa com três garfos, uma faca de ferro, cerâmicas feitas ao torno, cinzentas finas, decoradas com bandas pintadas e um prato de verniz vermelho, assim como cerâmicas fabricadas sem torno. A fase seguinte onde apareceu uma fíbula anular, facas de ferro e um fecho de cinturão de placa calada com três garfos é datada do século VI a.C. A cerâmica é maioritariamente fabricada ao torno, sendo alguma possivelmente já de produção local. À fase 2 pertencem o maior número de pratos de verniz vermelho da estação, dois procedentes de *busta* ou *loculi* (3c-1 e 20-2), um do *silicernium* (2-1), e outros tantos da “trincheira do poço” (TP1, TP2 e TP3) (fig. 22).

Como já referimos, a peça 20-2 é muito semelhante à do Galeado e foi encontrada associada a outros dois pratos de cerâmica cinzenta. A fase 3 abrange o século V a.C., não tendo aparecido artefactos que a individualizem claramente nem que lhe possam atribuir uma datação posterior, como Almagro-Gorbea nota em relação com os identificados no povoado de Medellín<sup>93</sup>. O coeficiente dado pela relação entre a largura do bordo e o diâmetro da peça do *silicernium* 1.1 é de 3.3, sendo o do prato 2 do conjunto 20 de 3.1, e o do prato 2 procedente da “trincheira do poço” (TP-2) de 3.6, valores muito próximos do coeficiente do prato do Galeado que é de 3.4.

5.17. Coeficientes semelhantes encontrados em pratos com o bordo largo encontram-se em El Jardín (séculos VI-V a.C.) e nos estratos mais modernos

<sup>90</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 389-407.

<sup>91</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 389-407.

<sup>92</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 336-338, 391, 404-406, 413.

<sup>93</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 335-337, 363-365, 406-413.

de Trayamar, nas sepulturas 1 e 4, a primeira datada da primeira metade do século VII e a segunda de cerca de 600 a.C.; no Morro de Mezquitilla junto à foz do rio Algarrobo, com um coeficiente de 3.4, encontrado no corte 3 e cuja cronologia abrange os séculos VIII a VI atingindo mesmo por vezes o século V a.C. Nas fases tardias dos Toscanos, a partir do estrato IV, datado pelo C14 em 630 a.C. ( $2580 \pm 120$  B.P. KN) e onde se encontram formas com anel de sustentação a partir do estrato III; no Cerro de San Cristóbal de Almuñecar (Granada), na necrópole púnica Laurita, associados a *kotylai* protocoríntios, a *oinochoes* piriformes e de boca de seta, e a ânforas áticas do tipo SOS, dos inícios do século VII<sup>94</sup>; nas sepulturas 12, 13, 15, 16 e 17 de Almuñecar encontraram-se pratos cujos coeficientes variam entre 4.1 e 4.6 com larguras dos bordos de 0,05 m a 0,062 m. A este conjunto deverão pertencer ainda os pratos de Frigiliana, com bordo largo; do estrato IV do Cerro del Real, Galera, associados a outras cerâmicas datadas dos séculos VI a IV a.C. e que jazia sobre o estrato III dos séculos IV-III a.C. com cerâmicas de factura indígena de tipo ibérico; do estrato V do Algarrobo de Lixus, encontrados associados a cerâmicas pintadas com bandas; os pratos da camada IV de Mogador datados do século VII, primeira metade do século VI, onde se encontram associados a outros objectos de importação fenícia e grega que pertencem a uma fase antiga da feitoria, e segundo Jodin, iguais a outros estudados por Harden provindos do santuário de Tanit em Cartago (século VIII)<sup>95</sup>.

5.18 Na Andaluzia ocidental, as escavações do Cabezo de San Pedro (Huelva) forneceram também fragmentos de pratos de verniz vermelho, sobretudo no nível 4 (oriental), datado de 700 a.C., onde estavam associados a cerâmicas cinzentas, predominando as formas de bordo estreito. Este nível, que assentava num outro (5 e 5b), datado do Bronze Final, era imediatamente sobreposto por outro, o nível 3 (grego-púnico), onde existia cerâmica ática, cerâmica ibérica com bandas e círculos concêntricos pintados, datado dos séculos IV-III a.C. Pela análise dos diâmetros dos pratos, concluíram os seus escavadores que os mais recentes e mais representados mostram diâmetros e bordos de menores dimensões, sendo os pratos com 0,03 m de largura de bordo os mais comuns na fase II (700-650/625) e os de 0,025 m mais frequentes na fase III (650/625-575/550), não havendo pois identidade entre os níveis "fenício-púnicos" da Andaluzia ocidental e as jazidas do litoral da região mala-guenha<sup>96</sup>. As datações dos pratos de bordo estreito como os provenientes das

<sup>94</sup> PELLICER, M., *op. cit.* (v. nota 67).

<sup>95</sup> CUADRADO, E., 1969, *op. cit.* (v. nota 15), p. 273; JODIN, A., *op. cit.* (v. nota 68), pp. 79-83; PELLICER, M.; SCHÜLE, W., *op. cit.* (v. nota 64); SCHUBART, H.; NIEMEYER, H. G., *op. cit.* (v. nota 66), pp. 84, 202, 236-237; SCHUBART, H.; NIEMEYER, H. G.; PELLICER, M., *op. cit.* (v. nota 65), pp. 111-113; GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 521-543; SCHUBART, H., *Morro de Mezquitilla, Informe preliminar sobre la campaña de excavaciones de 1976*, "Noticiário Arqueológico Hispánico", 6, 1979, pp. 177-218.

<sup>96</sup> BLÁZQUEZ, J. M.; LUZÓN, J. M.; GÓMEZ, F.; CLAUSS, K., *Las cerámicas del Cabezo de San Pedro*, "Huelva Arqueológica I", 1970, 19 pp., XXXV ests., pp. 11-12; BLÁZQUEZ, J. M.; MATA, D. R.; RODRIGUEZ, J. R.; SADABA, J. L. R.; CLAUSS, K., *Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva — Campaña de 1977)* (Excavaciones Arqueológicas en España, 102), 1979, 199 pp., 74 figs., VI ests., pp. 147-149, 166-168.

estações de La Joya e de Setefilla, atribuídos pela tipologia aos séculos VII-VI, teriam no litoral malaguenho uma datação mais alta, podendo, no entanto, como notou M. E. Aubet<sup>97</sup>, coexistir com pratos de bordo largo em estações como Rio Tinto, Cabezo de La Esperanza, Carambolo Bajo, Carmona, túmulo 1, de La Joya (séculos VIII-VII) e Cruz del Negro e Mesas de Asta (séculos VII-V).

O prato do Galeado apresenta dimensões que encontramos apenas em três dos diâmetros e na largura de um bordo, certamente todos importados, da fase III do Cabezo de San Pedro.

5.19. Alcácer do Sal, pela sua situação geográfica próxima da costa, sobre um rio navegável até uma zona bastante interior, rica em minérios e pelos materiais que ali foram já encontrados, é certamente um ponto chave para a compreensão deste mundo economicamente equilibrado entre a exploração das riquezas da terra e o comércio dos produtos exóticos vindos do Oriente. Infelizmente não ocupa ainda na historiografia arqueológica o lugar de destaque que lhe compete; os seus materiais foram começados a divulgar por Estácio da Veiga<sup>98</sup> e sobretudo por Vergílio Correia<sup>99</sup> e Schüle<sup>100</sup>, não tendo ainda os espólios da Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires sido devidamente valorizados, mantendo-se muitos deles inéditos, mal estudados e até dispersos, apesar dos trabalhos recentes de escavação levados a cabo por C. Paixão<sup>101</sup>, que actualmente prepara a monografia da estação. Tal como no castelo, pensamos ter também existido na necrópole uma fase mais antiga, datável do século VI ou VII, que incluiria sobretudo os materiais orientalizantes, os pregadores circulares, as fíbulas de dupla mola, as grandes fíbulas anulares hispânicas com pé alto (sepultura G 10), xorcas com pendentes de sanguessugas, escaravinhos (um com sinete de Psamético, 663-609 a.C.), algumas jóias, peças de marfim, fechos de cinturão de um só garfo (sepultura G 10) cerâmicas cinzentas finas, pratos de verniz vermelho e algumas urnas de cerâmica pintada com bandas de cor castanha de forma bitronco-cónica de lábio extrovertido e de perfil oblíquo, com ânfo como a da sepultura 62, muito semelhante à urna 3 do Galeado<sup>102</sup>.

O estrato III do Castelo, datado dos séculos VIII-VII a.C. forneceu materiais orientalizantes como cerâmicas policromas de bandas (*bichrome ware*), ânforas fenícias (n.ºs 748 e 795 de Pellicer)<sup>103</sup> e cerâmica de verniz vermelho

<sup>97</sup> AUBET, M. E., *La cerámica punica de Setefilla*, "Studia Archaeologia", XLII, Valladolid, 1976, 34 pp. 17 figs., p. 12. *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río, Sevilla*, Departamento de Prehistoria y Arqueología, vol. II, Barcelona, 1975, 160 pp., 65 figs., XIV ests.; BONSOR, G., *Les colonies agricoles pré-romaines de la Vallée du Bétis*, "Revue Archéologique", XXXV, 1899, pp. 126-269.

<sup>98</sup> VEIGA, S. F. M. E. da, *op. cit.* (v. nota 18), pp. 266-270, XXXIII.

<sup>99</sup> CORREIA, V., *op. cit.* (v. nota 20), pp. 151-200.

<sup>100</sup> SCHÜLE, W. *op. cit.* (v. nota 27), pp. 280-284.

<sup>101</sup> PAIXÃO, A. M. C., *A Necrópole do Senhor dos Mártires — Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*, Dissertação para licenciatura em Ciências Históricas apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1970, 282 pp., 23 desenhos, 56 fotos.

<sup>102</sup> PAIXÃO, A. M. C., *op. cit.* (v. nota 101), pp. 63, 16.

<sup>103</sup> PELLICER, M., *Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla)*, "Habis", IX, 1978, pp. 365-400, pp. 373-375.

que inclui um fragmento de prato cuja forma e dimensões muito se aproximam das do Galeado. Está claramente separado do estrato IV, do século IV a.C., por uma fase de abandono ou declínio ocorrido no século V, encontrada já em outras estações, onde apareceram materiais mais tardios como cerâmicas áticas de verniz negro e pré-campanienses<sup>104</sup>.

5.20. A origem destes pratos e sobretudo da técnica cerâmica do verniz vermelho tem vindo a ser encontrada no Oriente, na área sírio-fenícia (Hama e Ras-Shamra) e cipriota (*red slip ware*, século VII), nas cerâmicas palestinas de Megiddo IV e III (séculos IX-VIII e VII) depois divulgadas, na bacia mediterrânica provindas do Oriente no século VIII (Motya, Cartago, Utica, Rachgoun e Mogador dos séculos IX a VII), na Sardenha (Nora, Sulcis e Monte Sirai), imitadas na Península, a partir do século VI, talvez mesmo algo anteriormente, dando lugar às cópias de cor mais escura ou vinhosa<sup>105</sup>.

Ao primeiro grupo destas cerâmicas, aparecidas por via da importação, chama E. Cuadrado "tartesso oriental" e ao segundo mais tardio, já de fabricação local "ibero-tartésico"<sup>106</sup>.

Uma cronologia situada no século VI adapta-se também, quanto a nós, ao prato do Galeado que, mesmo utilizado como tampa de urna ou integrado num *silicernium*, poderia ser já uma peça com algum uso, talvez algo mais antiga que a urna de orelhetas e que a urna de engobe vermelho brunido.

5.21. A qualidade do verniz vermelho utilizado no prato torna-o distinto do acabamento da urna 3, não apenas na cor mas sobretudo na técnica de fixação do pigmento, nesta muito friável, espécie de engobe fino, com pouco brilho, apesar de brunido e muito mais denso. A urna 3 de forma algo bitronco-cónico de perfil em S, com o fundo côncavo encontra, segundo July, origem no "ambiente" de Este-Golasecca, no Norte de Itália (Golasecca I, 700 a.C.). Existem exemplares fabricados com pastas claras e bordo em bisel no Languedoc mediterrâneo, provenientes de dois povoados e de uma necrópole, já por nós anteriormente referidos, datados do século VI a.C.: Cayla II, Mailhac (Aude) e Castel-Roussillon (Pirenéus Orientais), assim como em jazidas do litoral meridional da Península, como La Solivella (Alicante), encontradas nas sepulturas 24 e 28, e El Molar<sup>107</sup> (fig. 19, 5 e 6).

5.22. Poderíamos juntar outros exemplares encontrados em Frigiliana, Buenache de Alarcón e Las Madrigueras (túmulo XXV, estrato IV, século VI a.C.)<sup>108</sup>.

<sup>104</sup> SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *Castelo de Alcácer do Sal*, "Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal", Centro de História da Universidade de Lisboa e Museu de Arqueologia e Etnologia do Distrito de Setúbal, 1980, pp. 47-55, 43-2.

<sup>105</sup> PELLICER, M., *op. cit.* (v. nota 67), pp. 54-55; JULY, J. J.; *Documentos de civilización material y contactos en el Mediterráneo occidental durante la Edad del Hierro*, "Ampurias", XXX, 1968, pp. 63-96, 75.

<sup>106</sup> CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 15).

<sup>107</sup> FLETCHER, D., *op. cit.* (v. nota 36), pp. 35-41; JULY, J. J., *op. cit.* (v. nota 105), p. 83.

<sup>108</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 57-58, 30.

Tal como em La Solivella, El Molar, Buenache de Alarcón e Las Madrueras onde aparecem urnas bitronco-cónicas e urnas de orelhetas, também no Languedoc mediterrâneo em Cayla II e Mailhac aquelas formas se encontram associadas <sup>109</sup>.

5.23. Segundo M. E. Aubet <sup>110</sup>, o desaparecimento a partir de meados do século VI a.C. das cerâmicas de importação orientais deve-se à crescente influência de Cartago no Mediterrâneo Ocidental, verificando-se contudo nos inícios do século IV a.C. uma curiosa revitalização comercial, sobretudo representada por grandes quantidades de materiais de origem grega como foi revelado nas recentes escavações no Castelo de Alcácer do Sal <sup>111</sup>. Para Pellicer <sup>112</sup> a decadência do comércio oriental está relacionada com a caída de Tiro conquistada por Nabucodonosor em 587 e com a batalha de Alalia em 535 que marca o final da hegemonia focense no Mediterrâneo Ocidental, dando lugar à crescente influência comercial e política de Cartago, já testemunhada em Ibiza no século VI (654) (Isla Plana, Puig d'en Valls e Puig d'en Molins). Para J. M. Blázquez terá sido a conquista da Fenícia por Sargão em 709 que causaria o início da decadência daquele comércio <sup>113</sup>.

5.24. O pequeno fragmento de cerâmica cinzenta fina, com decoração impressa, proveniente do Galeado, não encontrou paralelos seguros, apesar daquele tipo de cerâmica integrar, como vimos, espólios onde acompanhava pratos e outras peças de verniz vermelho, cerâmicas feitas a torno de pastas claras e urnas de orelhetas perfuradas. É, na sua origem, segundo Almagro <sup>114</sup>, uma cerâmica importada procedente da Ásia Menor, no século VII, depois difundida por oficinas focenses do Mediterrâneo ocidental como Marselha e Ampurias. Outros autores aceitam a sua importação propondo como modelos as sítulas metálicas do mundo etrusco; outros ainda fazem-na acompanhar os modelos da cerâmica de verniz vermelho da qual parece assemelhar-se pela utilização da mesma técnica no acabamento das superfícies, brunidas ao torno. Pode apresentar motivos decorativos, estampilhados geralmente dispostos em bandas (Catalunha, Margalef, onde apareceu uma tampa com orelhetas perfuradas), impressões com matrizes simples ou decoração ondulada, feita a pente, aspecto muito característico da cerâmica cinzenta fina ampuritana <sup>115</sup>, diferente da cinzenta fina meridional que encontramos no Galeado e nas estações da área de influência do comércio "fenício-púnico".

Em Portugal era conhecido em Santa Olaia, Conímbriga, Azougada e no

<sup>109</sup> JULLY, J. J., *op. cit.* (v. nota 105), p. 94.

<sup>110</sup> AUBET, M. E., *op. cit.* (v. nota 97), p. 23.

<sup>111</sup> SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *op. cit.* (v. nota 104), pp. 47-55.

<sup>112</sup> PELLICER, M., *op. cit.* (v. nota 67), p. 42.

<sup>113</sup> BLÁZQUEZ, J. M., *op. cit.* (v. nota 58), p. 181.

<sup>114</sup> ALMAGRO, M., *Cerámica griega gris de los siglos VI y V a. de J. C. en Ampurias*, "Rivista di Studi Liguri", ano XV, 1-2, 1949, pp. 62-122, 62.

<sup>115</sup> ALMAGRO, M., *op. cit.* (v. nota 114); CURA - MORERA — *Acerca de unas cerámicas grises con decoración estampillada en la Catalunya prerromana Pyrenae*, vol. VII, 1971, pp. 47-60; GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 129-133; JUNYENT, E., *Los materiales del poblado ibérico de Margalef, en Torregrosa (Lérida)*, "Pyrenae", vol. VIII, 1972, pp. 89-132, 103, 129.

Moinho da Atalaia Oeste, onde acompanhava, num nível datado do século VI, fíbulas anulares hispânicas, cerâmicas de pasta laranja fina e uma conta oculada de pasta vítrea de cor azul<sup>116</sup>. Embora inédita, é também conhecida na Necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal, onde se apresenta com motivos decorativos idênticos ao do fragmento do Galeado<sup>117</sup>.

Como já anteriormente fizemos referência, ao tratarmos das urnas de orelhetas perfuradas e dos pratos de verniz vermelho, as cerâmicas cinzentas finas encontraram-se associadas muitas vezes a alguns daqueles materiais em estações como Medellín, Toscanos, Guadalhorce, Carambolo, Carmona, La Joya, Almuñecar, Cerro del Real, Margalef, Castellones del Ceal (nível III), Cástulo, Hoya de Santa Ana, El Molar, Albufereta de Alicante, Mogador, Aljaraque, Colina de los Quemados, etc.

As cerâmicas cinzentas finas de Las Madrigueras encontravam-se nos estratos I e II, dos séculos V a III a.C.<sup>118</sup>.

5.25. Finalmente falta-nos referir as conclusões a que podemos chegar através da análise dos três pequenos fragmentos da grande fíbula anular, com cerca de 0,08 m de diâmetro, talvez do tipo 4 de E. Cuadrado<sup>119</sup>.

Aquele parece ser um tipo corrente a partir do século V, originário, segundo Almagro, do pregador anular de agulha simples, livre e transversal procedente do Mediterrâneo Oriental, onde se encontra já no século VIII na área de Creta-Chipre-Síria-Palestina e datável na Península do século VI (Villaricos, La Albufereta de Alicante, Aguilar de Anguita e Alcácer do Sal). Como formas mais simples das fíbulas anulares hispânicas teríamos a peça de coleção Gomez Moreno, de Collado de los Jardines (Jaén)<sup>120</sup>. De forma um pouco mais complexa seriam duas fíbulas de Bensafrim (Lagos) e a grande fíbula de 0,09 m de diâmetro encontrada no túmulo 2, sector A, da Necrópole da Chada (Ourique). Estavam-lhe associada uma ponta e dois contos de lança ou dardo e uma pequena faca afalcatada de ferro. No túmulo 2 do sector B daquela mesma necrópole, datado genericamente nos séculos VII-V a.C., apareceram conjuntamente com duas pequenas figuras de pássaros de cerâmica, duas contas esféricas de pasta vítrea de cor preta oculadas a branco e uma taça com acabamento de verniz vermelho no interior e em três faixas paralelas no exterior e no fundo, forma 12 de Cuadrado<sup>120a</sup>.

<sup>116</sup> PINTO, C. V.; PARREIRA, R., *Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do estuário do Tejo*, "Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses", I, 1978, pp. 147-163, 148.

<sup>117</sup> Agradecemos esta informação a A. C. Paixão.

<sup>118</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 129-130.

<sup>119</sup> CUADRADO, E., *Precedentes y prototipos de la fíbula anular hispánica*, "Trabajos de Prehistoria", VII, 1963, 61 pp., 13 figs., IV mapas.

<sup>120</sup> ALMAGRO, M., *Sobre el origen posible de las más antiguas fíbulas anulares hispánicas*, "Ampurias", XXVIII, 1966, pp. 215-236, 216, 230-232, figs. 21-23.

CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 16); CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 119); OLIVER, J. L. A., *Las fíbulas de la necrópolis celtibérica de Aguilar de Anguita*, "Trabajos de Prehistoria", vol. XXXI, 1974, pp. 143-216, pp. 193-194.

<sup>120a</sup> CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 15), p. 261.

A fíbula anular de Aguilar de Anguita por se encontrar associada a uma urna de orelhetas perfuradas num contexto de características essencialmente continentais, datado do século VI, vem também confirmar as atribuições cronológicas que anteriormente propusemos para as peças do Galeado que pela sua situação geográfica, junto ao mar, poderia mais cedo ter acesso às importações mediterrânicas <sup>121</sup>.

As fíbulas anulares de Las Madrigueras foram todas encontradas no estrato I, procedentes da área mediterrânica da Península, por isso ali terão chegado tardiamente. Nos outros estratos predominam as fíbulas de dupla mola, existindo ainda uma fíbula de cotovelo no estrato II, seguramente uma sobrevivência <sup>122</sup>.

Uma outra forma na qual os fragmentos da fíbula anular do Galeado se poderia integrar é a de pé alto e botão, com exemplares encontrados em Ampurias, na necrópole de incineração Martí (n.º 9) e na inumação n.º 55 da necrópole Bonjoan, associadas ambas a vasos áticos de figuras negras, datados respectivamente de 500 a.C. e 480 a.C. e em Alcácer do Sal, na sepultura G 10 associada a um fecho de cinturão de um só garfo e a quatro cubos de rodas de carro <sup>123</sup>.

Forma idêntica que para nós reveste um interesse especial por pertencer a um contexto de que faz parte uma urna cinerária ovóide com orelhetas perfuradas, pintada com bandas de cor vermelha acastanhada, foi encontrada no túmulo 14 da Necrópole de Oriola, Amposta (Tarragona) onde estavam ainda associadas duas facas afalcatadas, duas pontas de lanças encontradas cravadas no solo, uma lâmina de bronze com adornos lineares, um fecho de cinturão de três garfos com o respectivo colchete e uma placa rectangular marchetada. A fíbula mede 0,07 m de diâmetro, tendo sido todo o conjunto datado dos séculos VI-V. Fíbulas do tipo Oriola, anular de pé alto e botão, foram ainda encontradas em Cruz del Negro, estação já por nós referida devido aos pratos de verniz vermelho, datada nos séculos VII-V e em Castellones de Ceal (Jaén), onde se associa a fíbulas de dupla mola e a uma urna de fecho hermético dos séculos VI-V <sup>124</sup>.

5.26. Podemos concluir que o espólio do Galeado constitui um conjunto cronologicamente bastante homogêneo situado no século VI, talvez inícios do V, onde alguns elementos como o prato de verniz vermelho, a urna 2 e a urna 1 poderão representar um grupo de objectos de data mais recuada, os dois primeiros importados e a urna 1 uma produção local fabricada sem torno. A urna de orelhetas poderia ser algo mais moderna que o prato de verniz vermelho constituindo com a urna de engobe vermelho e o fragmento de cerâmica cinzenta um segundo grupo. O fragmento de cerâmica cinzenta fina e as contas oculadas serão importações um pouco mais recentes.

<sup>121</sup> SCHÜLEN, W., *op. cit.* (v. nota 27), II, pp. 1-11.

<sup>122</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 32), pp. 100-101.

<sup>123</sup> ALMAGRO, M., *Sobre el origen y cronología de la fíbula hispánica*, "Archivo de Prehistoria Levantina" V, 1954, pp. 177-185. ALMAGRO, M., *op. cit.* (v. nota 120), p. 216; PAIXÃO, A. M. C., *op. cit.* (v. nota 101), pp. 233-236, 276-277.

<sup>124</sup> CUADRADO, E., *op. cit.* (v. nota 119), pp. 48-52, 10-B.

O fragmento de bordo de uma quarta urna, e o pequeno bordo espatulado serão já produções locais, utilizando modelos e métodos inovadores, como o torno.

Uma datação no século VI a.C., talvez mais centrada na sua segunda metade de 550/500 parece-nos aceitável, não sendo de rejeitar a sua extensão até ao primeiro quartel do século V (c. 475), tanto mais que as tumulações de uma necrópole não são regularmente contínuas no tempo, havendo os naturais espaçamentos e sobrevivendo muitas das vezes as necrópoles por largos séculos, reutilizadas até por populações de culturas distintas, com rituais funerários diferentes mas que recuperam sucessivamente a noção da sua sacralidade, da sacralidade de um espaço, geralmente próximo aos povoados e integrando por vezes santuários.

## 6. Conclusões

6.1. Segundo os dados que conseguimos coligir, tanto as contas e o *nazm* como os ossos encontravam-se dentro da urna 1, possivelmente tapada com alguma peça cerâmica que não foi recuperada ou por uma pequena laje de pedra como também era costume empregar-se. Seria a tumulação de uma criança de oito a dez anos, talvez do sexo feminino.

A urna 2 tem, como vimos, tampa própria, adaptando-se o prato de verniz vermelho pelas suas dimensões à urna 3, aspecto muito divulgado em necrópoles tanto “fenícias” como de diferentes regiões peninsulares em toda a Idade do Ferro e até em época romana.

As urnas cinerárias do Galeado devem pertencer a três tumulações distintas e terão sido depositadas em fossas abertas no solo, isoladamente ou reunidas em grupos, não sabemos se protegidas ou não por lajes de pedras muitas vezes com uma disposição de aspecto cistóide ou por pequenos *tumulus* de pedras de menores dimensões. Pelas fortes concreções calcárias encontradas sobretudo no prato de verniz vermelho e na urna 3, podemos hipotizar que pelo menos alguns enterramentos terão sido revestidos de cré, característica comum encontrada também em Villaricos e em outras sepulturas de necrópoles desta época<sup>125</sup>. A incineração está raramente presente nos contextos das necrópoles da I Idade do Ferro do Sul de Portugal onde grandes túmulos de planta circular ou rectangular, estes mais recentes, são constituídos por paredes de alvenaria seca bem alinhadas, sendo o espaço interior preenchido por pedras amontoadas, incluindo em alguns recintos envolventes, círculos de pedras alinhadas na vertical e degraus. O uso corrente do ritual da incineração no Sul de Portugal parece dever-se sobretudo a populações de origem continental ali chegadas por volta dos séculos V-IV a.C., criando uma II Idade do Ferro sobre o estrato populacional pré-indo-europeu constituído pelos Cónios ou Cinetes<sup>126</sup>. O ritual da incineração usado no Galeado deve-se no entanto filiar nas práticas funerárias indo-europeias, divulgadas primeiramente no Mediterrâneo Oriental,

<sup>125</sup> ASTRUC, M., *op. cit.* (v. nota 55), pp. 55-56.

<sup>126</sup> SCHULTEN, A., *op. cit.* (v. nota 10), pp. 112-113; BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V., *op. cit.* (v. nota 60), pp. 6-7.

a partir do século XII a.C., talvez introduzidas na Península por fenícios ou gregos e que não é utilizada, como referimos, senão numa fase tardia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. Na Necrópole Kerameikos, de Atenas, períodos com maiores percentagens de inumações alternam desde o século XI ao VII com outros onde foi maioritariamente utilizada a cremação. No século VII registaram-se 70% de cremações para no início do século VI se utilizar quase totalmente o ritual da inumação.

A cremação era utilizada sobretudo pelos fenícios nos funerais dos que possuíam poucas faculdades económicas. Em Roma, no momento em que era utilizada maioritariamente a cremação, as famílias, mais abastadas e conservadoras, continuavam a inumar os seus mortos. As diferenças de ritual nem sempre serão pois devidas aos ditames religiosos, antes pelo contrário, mais parecem obedecer a uma certa moda e às possibilidades económicas das populações <sup>127</sup>. Parece-nos interessante notarmos que pequenos vasos com orelhetas perfuradas se encontram já na Necrópole do Kerameikos, em Atenas, no século XI-X, assim como o costume de envolver com ferros de lança encurvados as urnas funerárias, tal como na sepultura 14 do Grand Bassin II e possivelmente aconteceria com o arame de bronze do Galeado, cujo uso desconhecemos.

6.2. O comércio grego ainda que mal estudado na península terá alcançado também a faixa atlântica e penetrado no interior. O fundo de ânfora grega, forma 22 de Joncheray (séculos VII-V a.C.), encontrado acompanhado de um espeto de bronze numa casa da I Idade do Ferro no Monte Beirão, Almodôvar, marca no Sul de Portugal a penetração desse comércio, transportando talvez vinho ou azeite <sup>128</sup>.

A existência de uma necrópole como o Galeado, com uma forte presença de objectos importados, sem relação directa com os espólios das necrópoles do interior da Meseta, deve-se à sua proximidade com a costa, perto da foz do Mira, um rio navegável até zonas muito interiores, perto de jazidas mineiras e próxima de um forte centro cultural, comercial e administrativo como Alcácer do Sal. A região mineira abrangida por esta zona litoral é bastante vasta, pontuada em locais como a serra de Grândola e a serra do Cercal onde existem actualmente ainda minas de cobre, ferro e manganés <sup>129</sup>. O sal, produto muito apreciado e raro na Proto-história, de que Alcácer e a foz do Mira são ricos, seria também utilizado como elemento de troca.

6.3. A ocupação humana na região da foz do Mira está representada desde épocas remotas como demonstram as numerosas jazidas paleolíticas distribuídas ao longo dos seus terraços quaternários. Achados dispersos de macha-

<sup>127</sup> HARDEN, D., *Os Fenícios* (Colecção História Múndi), Verbo, Lisboa, 1968, 331 pp., 82 figs., 115 ests.; SNODGRASS, A. M., *The Dark Age of Greece*, 456 pp., 138 figs., University Press, 1971, Edinburgh. p. 144.

<sup>128</sup> BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V., *op. cit.* (v. nota 60), pp. 28-29. JONCHERAY, J.-P., *Nouvelle classification des amphores découvertes lors de fouilles sous-marines*, "Cahiers d'Archéologie subaquatique", 49 pp., XIV figs., 1976, Frejus.

<sup>129</sup> VIANA, A., *Carta Mineira de Portugal*, "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", Suplemento ao tomo XXXII, 1952, 2 pp., 1 mapa.

dos de pedra polida e de bronze marcam a continuidade da ocupação durante o Neolítico, o Calcolítico e a Idade do Bronze. À Idade do Bronze pertencerá também a necrópole de cistas descoberta por Abel da Silva Ribeiro, perto da foz do Mira que ainda noticiou o achado dos restos de uma piroga com mais de 3 m de comprimento, encontrados no Inverno de 1876 no Esteiro da Galé, 2 km a montante da foz do Mira. Num promontório de Vila Nova de Milfontes encontraram-se vestígios de ocupação romana, tanques de salga, cerâmicas e anzóis, talvez assentes sobre testemunhos mais antigos <sup>130</sup>.

6.4. São, como vimos, bastante diversas as variantes contextuais onde encontramos os paralelos para o espólio do Galeado, mesmo atendendo às suas evidentes analogias de conjunto com outras necrópoles e às formas e técnicas que sempre sobrevivem irregularmente através do tempo.

Foi em pleno ambiente “orientalizante” que pudemos enquadrar aqueles testemunhos, frutos das relações económicas, técnicas, artísticas ou culturais, baseadas num pressuposto comércio fenício ou grego (aquele exagerado pela tradição antiga) que transacciona ainda produtos norte-sírios, rodenses, cipriotas, etruscos, egípcios e norte-africanos. A sua zona de influência fez-se sentir evidentemente de um modo mais marcado na costa oriental da Península, com uma distribuição mais intensa, espólios mais ricos, mais extensa no tempo e que haveria de deixar profundas marcas em épocas posteriores, sobretudo na formação da chamada “cultura ibérica”.

Aquelas influências chegaram também à faixa atlântica, penetraram no interior da Meseta, miscigenizaram-se com as culturas locais implementando-as e recriando novas formas dentro das dinâmicas regionais de cada grupo. O Sul de Portugal mostrará em termos culturais diferenças profundas da área levantina, como ambas da bacia do Baixo Guadalquivir-Huelva ou do N. E. - Golfo de Leão, mantendo-se em todos estes novos contextos regionais o elo de ligação que são os materiais importados, trazidos pelo comércio circum-mediterrâneo. Um enorme conjunto de problemas põem-se ainda à investigação, sobretudo respeitante às alterações de ordem económica, de organização social, da superestrutura religiosa e das formas artísticas, provocadas por este comércio, que encontraria maioritariamente valores de troca, na exploração mineira, do ouro, da prata, do cobre, e talvez do sal, produtos pelos quais a Península era tradicionalmente e até mitologicamente conhecida. Um fenómeno muito semelhante acontecia paralelamente na Europa onde os espólios da Antiga Idade do Ferro apresentam muitos artefactos de origem mediterrânica, sobretudo gregos e etruscos, ou com formas neles inspirados <sup>131</sup>. Não aceitamos desde já a feição colonialista que tem vindo a ser atribuída à presença dos povos do Mediterrâneo Oriental, parecendo-nos que nem mesmo poderemos aceitar facilmente o sistema de feitorias até agora tão divulgado pela investigação. Seria mais lógico dentro de um sistema económico-comercial consumista como o fomentado pelo

<sup>130</sup> VEIGA, S. F. M. E. da, *op. cit.* (v. nota 18), pp. 36-37, 140-143, 181, 194-195.

<sup>131</sup> WELLS, P. S., *Culture Contact and Culture Change, Early Iron Age Central Europe and the Mediterranean World*, “New Studies in Archaeology”, The University Press, Cambridge, 1980, 171 pp., 37 figs.

comércio fenício e grego, onde a rentabilidade é o fim único e onde não existe sequer, inicialmente, pelo menos de que tenhamos disso provas, interesse pelo controlo do espaço físico para o utilizar directamente como bem de produção, qualquer tipo de cruzada religiosa ou de protecção político, aceitar neste momento um relacionamento pacífico e baseado apenas nas trocas comerciais entre os comerciantes e os chefes, detentores do poder local <sup>131a</sup>. Só assim mesmo compreendemos a notável expansão e aceitação dos artefactos importados, uma onda que instaura a moda criadora de uma verdadeira sociedade de consumo, por vezes com certa ostentação, paga pelos excedentes locais.

Um sistema económico-político emergente do Bronze Final com a administração organizada em escala hierárquica, centralizada em cidades da qual dependeriam grupos de pequenos povoados fortificados e governados por chefes guerreiros — as chefaturas — exerceriam o verdadeiro controlo político e administrativo dos territórios a seu cargo, sobretudo no que respeita à defesa, à exploração mineira e comercialização dos seus produtos como à redistribuição dos bens <sup>132</sup>.

Assim se explicarão a grande quantidade de pequenos povoados fortificados, ou castelos, sobretudo junto aos grandes rios, ocupando posições estratégicas tanto em relação às áreas mineiras como às vias de comunicação. É claro que a agricultura, a criação de gado e a pesca deveriam desempenhar também papéis importantes na economia desta época, actividades que seriam apenas dedicadas ao consumo interno.

Este equilíbrio será quebrado sobretudo por dois motivos externos: a concorrência comercial exacerbada, depois transformada em influência política e a vinda e fixação tanto dos povos centro-europeus como dos cartagineses que irão modificar os sistemas vigentes, sobretudo a partir do século V.

Culturalmente a Necrópole do Galeado integra-se na fase Orientalizante Recente ou Pré-ibérica do período III da classificação de Almagro Gorbea para o Sudoeste peninsular, com cerâmicas fabricadas a torno importadas e outras locais que darão lugar às formas e motivos decorativos ibéricos <sup>133</sup>. Esta sistematização enquadra-se com as observações feitas no Baixo Alentejo e Algarve onde a uma I Idade do Ferro com inumação e escrita se sucede um período com incineração e inumações que perde a escrita e que há-de dar lugar à II Idade do Ferro. Naquele primeiro período acontecem duas grandes inovações técnicas: o uso do torno de roda rápida que permite a fabricação industrial da cerâmica com paredes finas, a redução do ferro e a consequente fabricação de um novo arsenal bélico de baixo custo em relação ao armamento de bronze, ajudando a equipar e a formar grandes exércitos.

<sup>131a</sup> Talvez um sistema de transacções como o *dom*, cujas implicações sociais, económicas, jurídicas e religiosas foram sistematicamente estudadas por M. MAUSS, *The gift, forms and functions of exchange in archaic societies*, Routledge & Kegan Paul, 130 pp., 1969.

<sup>132</sup> GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P., *As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja) — Estudo Comparado*, "Setúbal Arqueológica", II-III, 1976-77, pp. 281-343, 328-330.

<sup>133</sup> GORBEA, M. A., *op. cit.* (v. nota 58), pp. 148-149.